



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

AGRIANE CALDEIRA SOUZA

AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE
CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA

JOÃO PESSOA/PB

2023

AGRIANE CALDEIRA SOUZA

**AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE
CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito total para obtenção ao título de mestre em Geografia.

LINHA DE PESQUISA: Cidade e Campo: espaço e trabalho.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Josias de Castro Galvão.

JOÃO PESSOA-PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729v Souza, Agriane Caldeira.

As vivências espaciais dos pescadores da comunidade de Carapanatuba-Santarém/PA / Agriane Caldeira Souza. - João Pessoa, 2023.

107 f. : il.

Orientação: Josias de Castro Galvão.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Geografia cultural. 2. Pescadores - Santarém (PA). 3. Experiências. 4. Cultura. 5. Memória. I. Galvão, Josias de Castro. II. Título.

UFPB/BC

CDU 911.3(043)

**AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA
COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA”**

por

Agriane Caldeira Souza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB como requisito total para obtenção do grau de mestre em Geografia.

Área de concentração: Território, trabalho e Ambiente.

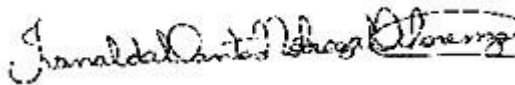
Aprovado por:



Prof. Dr. Josias de Castro Galvão
Orientador



Profª. Drª. Amanda Christinne Nascimento Marques
Examinadora interna



Profª. Drª. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo
Examinadora externa

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-graduação em Geografia
Cursos de Mestrado e Doutorado em Geografia**

Junho/2023.

Dedico este trabalho a todos os pescadores e a todas as pescadoras, Moradores/moradoras da Comunidade de Carapanatuba, que com suas experiências de vida me inspiraram a fazer esta dissertação.

Ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha
ignorância.

As minhas necessidades, as minhas relações, a
minha cultura e o meu corpo.

Que espaço o meu passado deixa pra minha
liberdade hoje?

Meu caminho é novo, mas meu povo não!

Meu coração de fogo vem do coração do meu país.

Meu caminho é novo, mas meu povo não!

O *Norte* é a minha seta, o meu eixo, a minha raiz!

E quando eu canto cor, quando grito cor, quando eu
espalho cor:

Eu conto a minha História!

(Trecho de Música: Amarelo, Azul e Branco.

Anavitória e Rita Lee).

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus criador de todas as coisas por nunca ter me desamparado nos meus momentos de dor e fraqueza, sempre direcionando meus passos e guiando minha vida.

À minha família que esteve comigo durante esse processo formativo, principalmente minhas irmãs Gernilane, Vanessa e meu sobrinho Rhael que residem junto a mim, por me entenderem e respeitarem minha ausência, picos de estresse e aceitarem o horário ideal para fazer o barulho da Televisão, eu os amo demais!

A minha mãe Avanilda e meu pai Agripino que me deram entendimento de vida para me tornar a mulher que sou hoje e que estavam sempre prontos pra me receber a qualquer momento na casinha de Carapanatuba, durante longos dias de pesquisa.

Ao meu orientador Josias Galvão por respeitar meu tempo e mesmo a distância me direcionou da melhor forma os caminhos da pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que utilizaram de todas as suas habilidades e metodologia para que pudéssemos ter aulas que nos aprimorassem e nos fortalecessem na pesquisa durante o período desafiador da pandemia.

Aos pescadores e pescadoras de Carapanatuba que carregam múltiplos saberes e compartilham deles incrivelmente, sem vocês esta dissertação não teria início, meio e fim. E se estende também a todos os moradores da comunidade de Carapanatuba, professora Silvielane, Dona Lélia que me deram suporte em encontrar materiais da pesquisa. Muito obrigada!

Aos meus amigos, Celso Serique por sempre me apoiar nas minhas ideias e juntamente com seu esposo Noaldo me receberem em sua residência em João Pessoa. Agradecer a Darlan, Thatianne, por me apoiarem e respeitarem meu tempo de recolhimento para escrita e ajudando a espairar a mente sempre que necessário.

Agradecer a minha colega de mestrado Celiane Januário que mesmo de longe sempre me deu apoio e me ajudou a segurar a barra dos meus momentos de crise de ansiedade. Gosto de tu de graça, visse!

Agradecer a Maria Salomé, Salô, Mainha, que abriu as portas de sua casa durante o período de mestrado, me dando a liberdade de usar sua internet, seu quarto, sua comida, seu sofá para que eu ficasse confortável e me dedicasse nesse processo, além de dar conselhos, afeto e gestos de amor, sou muito grata por tê-la em minha existência.

RESUMO

Os estudos sobre a pesca têm assumido um papel importante e ganhado visibilidade nos espaços acadêmicos, sobretudo, no campo das ciências humanas e sociais. Na Geografia e em outras ciências humanas existem diversos trabalhos, como de Furtado (1993), Diegues (1983), Dorsa (2015) Cruz(2019) que se fundamentam na “categoria pescador”, com vistas a compreender como esse “sujeito” se relaciona com o meio através de seus saberes tradicionais sobre a pesca, considerando toda sua dimensão. Posto isto, é que intitulamos esta dissertação como “As vivências espaciais de pescadores da comunidade de Carapanatuba-Santarém/Pa”, pois é neste caminho que buscamos compreender os espaços de vida e de trabalho dos pescadores(a)s da comunidade de Carapanatuba, a partir de suas histórias, seus saberes, suas tradições e da relação que eles têm com a natureza. Além de analisar as manifestações culturais locais que contribuem para fortalecimento do ser/fazer pescador. Para isso, contamos com o suporte da fenomenologia que de acordo com Dirce Suertegaray (2005) a fenomenologia busca descrever os fenômenos da experiência, procura captar o sentido e significado oferecido pelos atores, grupos envolvidos e ao vivido. A fenomenologia cria pontes para que tenhamos acesso às informações e às percepções mais apuradas para ouvir, olhar, sentir, perceber e avaliar todos os fenômenos que transpassam a pesquisa. Como categoria de análise elegemos espaço e lugar. TUAN (2012) nos diz que espaço e lugar são familiares e que indicam experiências comuns. O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade. O espaço é mais abstrato que o lugar. Além de fazermos o uso desses conceitos baseado em autores como Milton Santos (2002), Marcelo Lopes de Souza (2018). O trabalho também abarca conceitos de memória e identidade, elementos que foram importantes para a construção da pesquisa, de modo que a memória foi um elemento bastante relevante na construção das narrativas dos nossos entrevistados, pois trabalhamos com a oralidade, e a memória foi uma fonte importante para essa aquisição de informações e para a análise de uma construção identitária. A dissertação é dividida em três capítulos, o qual apresentam os caminhos metodológicos percorridos para a aquisição das informações requeridas, demonstrando os espaços de vida dos pescadores de Carapanatuba e suas experiências de vida pesqueira. Como resultado percebemos que a pesca influencia diretamente nas dinâmicas existentes no local. Compreendemos que essa atividade milenar contribui para a construção de relações individuais e coletivas do lugar, e que está intimamente ligada aos modos de vida, bem como ser/saber/fazer pescador. É a partir das relações entre eles e com os diferentes lugares de vida e trabalho que esses sujeitos se definem, se organizam e se reorganizam enquanto um grupo social, e que são reconhecidos pelos demais grupos sociais.

Palavras Chaves: Experiências; Pescadores; lugares de vida, Cultura e Memória.

ABSTRACT

Studies on fishing have assumed an important role and gained visibility in academic spaces, especially in the field of human and social sciences. In Geography and in other human sciences, there are several works, such as Furtado (1993), Diegues (1983), Dorsa (2015) Cruz (2019) that are based on the “fisherman category”, in order to understand how this “subject” relates to the environment through their traditional knowledge about fishing, considering all its dimensions. Having said that, we have titled this dissertation as “The spatial experiences of fishermen from the community of Carapanatuba-Santarém/Pa”, because it is in this way that we seek to understand the spaces of life and work of the fishermen of the community of Carapanatuba, from their stories, their knowledge, their traditions and the relationship they have with nature. In addition to analyzing the local cultural manifestations that contribute to the strengthening of being a fisherman. For this, we rely on the support of phenomenology, which according to Dirce Suertegaray (2005) phenomenology seeks to describe the phenomena of experience, seeks to capture the sense and meaning offered by the actors, groups involved and the experience. Phenomenology creates bridges so that we have access to the most accurate information and perceptions to listen, look, feel, perceive and evaluate all the phenomena that permeate the research. As a category of analysis we chose space and place. TUAN (2012) tells us that space and place are familiar and indicate common experiences. Place is security and space is freedom. Space is more abstract than place. In addition to making use of these concepts based on authors such as Milton Santos (2002), Marcelo Lopes de Souza (2018). The work also covers concepts of memory and identity, elements that were important for the construction of the research, so that memory was a very relevant element in the construction of the narratives of our interviewees, as we worked with orality, and memory was a source important for this acquisition of information and for the analysis of an identity construction. The dissertation is divided into three chapters, which present the methodological paths taken to acquire the required information, demonstrating the life spaces of Carapanatuba fishermen and their fishing life experiences. As a result, we realized that fishing directly influences the existing dynamics in the place. We understand that this millennial activity contributes to the construction of individual and collective relationships in the place, and that it is closely linked to ways of life, as well as being/knowing/doing fisherman. It is from the relationships between them and with the different places of life and work that these subjects define themselves, organize themselves and reorganize themselves as a social group, and that they are recognized by the other social groups.

Keywords: Experiences; Fishermen; places of life, Culture and Memory.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

CPP: Conselho Pastoral de Pescadores

ENG: Encontro Nacional de Geografas e Geografos

FASE: Federação do órgãos de Assistência Social e Educacional

FEPA: Federação do Pescadores do Estado do Pará

MAI: Movimento Amazônia Independente

MEB: Movimento de Educação de Base

MOPEPA: Movimento dos Pescadores do Estado do Pará

STTR: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

UFF: Universidade Federal Fluminense

UFOPA: Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

UNIR: Universidade Federal de Rondônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Pescadora local fazendo o uso da tarrafa de linha de algodão. Aparelho muito utilizado pelos pescadores locais.....	37
Figura 02. Pescador, jogando a tarrafa de algodão.....	38
Figura 03. Pescador fazendo uso de Malhadeira de algodão.....	39
Figura 04. Pescador local fazendo uso do aparelho caniço.....	40
Figura 05. Pescador aposentado fazendo uso de caniço em seu quintal durante o período da cheia.....	41
Figura 06. Linha e vara de espinhel que são mais utilizados pelos pescadores de Carapanatuba	42
Figura 07. Tipo de anzol utilizado em espinhel dos pescadores de Carapanatuba.....	42
Figura 08. Desenho explicativo da forma de uso do aparelho espinhel.....	43
Figura 09. Mapa de localização da região do Aritapera onde está situada a comunidade de Carapanatuba	48
Figura 10. Mapa mental de Carapanatuba elaborado por pescadores da comunidade...49	
Figura 11. Barracão comunitário de Carapanatuba	51
Figura 12. Igreja da comunidade de Carapanatuba	52
Figura 13. Igreja de Carapanatuba no Período da cheia.....	53
Figura 14. Família da comunidade em sua casa durante o período da cheia.....	54
Figura 15. Criação de galinhas de moradores durante o período da cheia.....	55
Figura 16. Casa de fogão a lenha no período das fortes cheias.....	55
Figura 17. Casa tipo palafita de pescador local durante o período da seca	56
Figura 18. Estrutura de varanda muito característico das casas de palafita.....	58

Figura 19. Moradora em sua embarcação tipo canoa, ao lado de casa suspensa de criação de galinhas da moradora.....	59
Figura 20. Desembarque de passageiros da comunidade de Carapanatuba	61
Figura 21. Morador deixando sua encomenda no barco de linha.....	62
Figura 22. Encomendas enviadas pela embarcação por parentes dos moradores de Carapanatuba	62
Figura 23. Desembarque de produtos de passageiros da comunidade	63
Figura 24. Passageiros fazendo uso da rede no barco de linha	64
Figura 25. Pescadora em seu momento de pesca fazendo uso individual de seu bote de pesca	65
Figura 26. Pescadores em embarcação tipo canoa a remo	66
Figura 27. Pescador local utilizando embarcação com motor rabeta	66
Figura 28. Crianças brincando de pular na água no rio Aritapera.....	68
Figura 29. Rio Aritapera no período da vazante das águas	69
Figura 30. Rio Aritapera passando por um processo de forte seca no ano de 2022.....	70
Figura 31. Criança da comunidade fazendo uso do rio para tomar banho	71
Figura 32. Recorte do Jornal “O leme informativo” de 1982	80
Figura 33. Recorte do Jornal “O leme informativo” de 1982	81
Figura 34. Recorte do Jornal “O leme informativo” de 1982	82
Figura 35. Assembleia geral da colônia de pescadores Z-20 em Santarém	84
Figura 36. Procissão Fluvial em homenagem a São Pedro em Santarém	84
Figura 37. Embarcações enfeitadas em procissão homenageando São Pedro.....	85
Figura 38. Concentração de Barcos para a procissão de São Pedro.....	85
Figura 39. Painel de destaque das atividades das comunidades.....	87
Figura 40. Imagem do livro “Aritapera uma comunidade de pequenos produtores na Várzea Amazônica”.....	88
Figura 41. Imagem do livro “Aritapera uma comunidade de pequenos produtores na Várzea Amazônica”	89
Figura 42. Mulheres representando a história da mulher que engravidou do boto	90

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Desenho da dissertação	21
QUADRO 2: Dados dos pescadores investigados	33

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: Eu sou do rio, eu sou ribeirinha	14
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	22
NAVEGANDO PELA PESQUISA: UMA ABORDAGEM TÉORICA E METODOLÓGICA	22
1.1. Os caminhos metodológicos da pesquisa.	25
1.2. Sujeitos da pesquisa.....	31
1.3. Breve histórico da pesca na Amazônia.....	33
1.4. O Dialeto Paraense.	44
CAPÍTULO 02	46
REVELANDO O LUGAR: AS RELAÇÕES DOS PESCADORES DE CARAPANATUBA COM SEUS LUGARES DE VIDA	46
2.1. O espaço coletivo: A comunidade	47
2.2. O espaço de morada: A casa.....	54
2.3 O espaço das embarcações	60
2.4. O espaço do rio.....	67
CAPÍTULO 03	72
FORTALECENDO O “SER PESCADOR”: AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS QUE REFORÇAM A TRADIÇÃO PESQUEIRA	72
3.1. Memória e a Construção de identidades.....	73
3.2. Manifestações Culturais locais que contribuem para o fortalecimento da atividade Pesqueira.....	74
3.2.2. A festividade de São Pedro.....	78
3.2.3. O Festival Folclórico do Aritapera.	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	98

APRESENTAÇÃO: eu sou do rio, eu sou ribeirinha

Ser discente no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG da Universidade Federal da Paraíba - UFPB é uma concretização de um sonho. Não somente um sonho de estar no mestrado, mas de fazer parte da UFPB, pois fiquei encantada por essa instituição quando, no ano de 2018, participei do Encontro Nacional de Geógrafos - XIX ENG.

Naquele ano ainda estava na graduação no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA/Santarém, que me possibilitou essa experiência incrível, do qual pude ter contato direto com grandes autores e pesquisadores de diversas áreas da Ciência Geográfica. Durante o evento, participei de um Grupo de Trabalho (GT) que contava com a presença da professora Cátia Antônia da Universidade Federal Fluminense - UFF que direcionava seus estudos para a pesca artesanal e territórios pesqueiros no Rio de Janeiro. Debate que me chamou muito a atenção e me fez ter um olhar mais atento e voltado para o lugar onde eu cresci e vivenciei de perto muitas dinâmicas da atividade pesqueira.

Sou a filha caçula, de doze filhos, do pescador Agripino Souza. Meu querido pai partilhou com a minha mãe a criação das onze mulheres e um homem, a ele cabia trazer para casa os recursos vindos da pesca, e a mãe Avanilda, era a responsável pelo lar, além de ser artesã. Todos são Paraenses, Santarenos e ribeirinhos da comunidade de Carapanatuba.

Carapanatuba é o lugar onde nasci e tenho maravilhosas recordações da minha infância, local no qual fiquei efetivamente até os 16 anos de idade. Conheci toda dinâmica local, mas não compreendia a “multidimensionalidade do vivido” exercida naquele lugar. Em 2012, assim que concluí o Ensino Modular –SOME, Ensino Médio que funciona na educação do Campo, fui para a cidade de Santarém buscar novos caminhos, e já em 2015 tive a oportunidade de fazer parte do corpo discente da Universidade Federal do Oeste do Pará no curso de Geografia.

A partir do contato com a Geografia, passei a olhar o espaço ao meu redor de forma mais apurada, relacionando o conhecimento empírico com o científico e busca por compreender as distintas espacialidades da nossa sociedade. Com a participação no ENG, atenta as discussões da pesca e dos demais temas geográficos, algumas circunstâncias me instigaram, não somente com as experiências vividas durante o curso na UFOPA, mas

também, sobretudo, as que estavam entrelaçadas no meu cotidiano familiar. E foi assim, não simplesmente assim, que me voltei a “temática” da pesca.

Em 2018, já estava com o projeto de trabalho de conclusão de curso pronto e fechado para a pesquisa final da graduação. Com o tempo curto de pesquisa, não pude mudar a temática para estudar a pesca. Desse modo, decidi organizar melhor um projeto para uma possível oportunidade no Mestrado.

Em 2020, no ápice da pandemia, fiz a seleção de mestrado para dois programas de pós-graduação, o da Universidade Federal da Paraíba - UFPB e o da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Felizmente fui aprovada em ambos. Porém, escolhi levar histórias, saberes, cultura e modos de vida, ultrapassando fronteiras da Amazônia e assim a opção pelo PPGG da UFPB, ingressando no ano de 2021 integrada à linha A (Cidade e Campo: espaço e trabalho). Pude aqui criar vínculos com o grupo de pesquisa “GESTAR e do Laboratório de Estudos do Território, da Cultura e Etnicidade” que, além de outros objetivos, visam formar Jovens pesquisadores na UFPB.

Por conta da Pandemia, estudei todo o período do curso de mestrado através de aulas remotas, o que impossibilitou o contato com o espaço físico da UFPB e dos novos colegas, mas me permitiu ficar mais perto da minha família e da minha área de pesquisa.

O trabalho científico com a temática da pesca é muito complexo, pois abrange um espaço muito amplo, possibilitando muitas vertentes de investigação. Contudo, já tinha uma preferência maior em trabalhar pelo viés da Geografia Cultural e por isso decidimos dar enfoque aos pescadores em suas vivências e experiências de vida.

“As vivências espaciais dos pescadores da Comunidade de Carapanatuba-Santarém/ Pará”, é por onde trilhamos para geografizar as histórias de vida e de saberes dos pescadores da Amazônia e conhecer melhor os espaços que envolvem a atividade pesqueira.

Falar sobre esse lugar é rememorar situações com as quais vivi, de trazer fatos da atividade que contribuiu para sobrevivência da minha família. Posso afirmar que essas questões são motivo de muito orgulho e de prazer. Vivo pelo prazer de fazer a pesquisa com a qual estou dentro dela (fora também), além da satisfação de me encontrar na UFPB, visto ser uma universidade plural e que abriu as portas para que eu pudesse me aprofundar cada vez mais nesse universo da pesquisa, é, com certeza, mais um degrau alcançado, tanto na minha vida pessoal como profissional.

Vou continuar estudando e pesquisando que é o que eu gosto de fazer, contando histórias de vida de pessoas e em especial da Amazônia que é de onde vem a minha

essência e a minhas raízes, eu sou do rio e é para ele que me volto para refletir sobre saberes, outras escalas, espaços de conhecimento. Pretendo ampliar cada vez mais esse universo da pesquisa sobre a pesca, levantando temas sobre a pesca e suas relações étnica e raciais, de gênero e territorialidades.

Estar nesse universo de pesquisa possui seus desafios, o tempo como limite de pesquisa é corrido, mas produzir conhecimento e buscar conhecimento é o que me alimenta e me fortalece enquanto sujeito em sociedade.

INTRODUÇÃO

O modo de vida e a dinâmica territorial das populações ribeirinhas são objetos de estudo em várias ciências. Na Geografia, abrem-se diferentes possibilidades de investigação científica. O desenvolvimento de pesquisas e trabalhos na área pesqueira sempre estiveram presentes nos estudos, discussões e debates geográficos brasileiros e internacionais. Assim, verificamos que essa conexão essencial entre a Geografia e o campo de estudos pesqueiros têm vindo fortalecendo-se ao longo do tempo.

Na região Amazônica é possível encontrar os ribeirinhos ao longo dos rios que cortam esse vasto território e que vai além das fronteiras brasileiras. O modo de vida destes ainda mantém fortes tradições dos que viviam o período pré-colonial e colonial, mas com técnicas e instrumentos do tempo presente. Uma parte das populações citadinas da região vê os ribeirinhos de forma preconceituosa e que são pobres e atrasados. No entanto, suas relações territoriais são existenciais na essência, pois sobrevivem da atividade pesqueira, extrativista vegetal e de pequenas plantações de subsistência, em que o modo de vida e a dinâmica são regidos pelo tempo da natureza.

Os rios são cenários que representam o lugar de abrigo e de trabalho. Nas paisagens, não apenas vistas, mas percebidas, é possível refletir sobre determinadas condições de produção da vida e dos laços que os pescadores têm com o lugar. Cruz (2007), apresenta o rio como “espaço de referência identitária” na Amazônia, pois o rio é um “espaço físico natural”, uma vez que é fonte de recursos financeiros (pesca), sendo um relevante meio de transporte, contribuindo também para o ritmo social ligado à temporalidade destas populações. O rio é fonte de sobrevivência, pois dele os ribeirinhos tiram o principal alimento que subsiste também o sustento financeiro das famílias.

Nesse sentido, o enunciado de Loureiro corrobora com nossa reflexão. Ele afirma que “Do rio o homem extrai seu alimento básico, faz dele sua estrada e seu caminho. O rio é sua fonte de abastecimento d’água e de suas culturas agrícolas. Seu mundo de lendas, alegrias e medos” (LOUREIRO, 1992, p. 26). Do movimento de subida e descida de pequenas, médias e grandes embarcações pelos rios e seus afluentes é possível refletir sobre a reprodução e a produção das relações sociais entre grupos ribeirinhos entre eles o de pescadores.

Nesse sentido, buscamos trazer o debate sobre o saber tradicional pesqueiro e as experiências dos pescadores de uma comunidade ribeirinha no interior da Amazônia, pois, acreditamos que estes sujeitos e suas relações territoriais dizem muito sobre as permanências e transformações sociais, espaciais e temporais no lugar objeto deste estudo.

Tendo em vista que a Geografia Humanística e a Cultural buscam valorizar as experiências individuais ou coletivas, procurando entender as maneiras de ser, de agir e de sentir das pessoas em relação aos seus lugares de vida é que buscamos, nesta pesquisa, responder à seguinte questão principal: Que percepções os pescadores de Carapanatuba têm do seu lugar de vida e de trabalho? Diante do exposto, apresentamos as seguintes questões secundárias que auxiliam na resposta a questão principal: a) Quais as tradições pesqueiras passadas de geração a geração que os pescadores de Carapanatuba atribuem para a pesca atual? b) Quais são os lugares em que os pescadores mantêm relações de proximidade? c) Quais festas e expressões populares e culturais que fortalece a identidade do ser pescador em Carapanatuba?

Mediante a essas questões, essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar o espaço de vida e de trabalho dos pescadores(a)s da comunidade de Carapanatuba, a partir de suas histórias, seus saberes, suas tradições e da relação que eles têm com a natureza.

Apresentamos a seguir os objetivos específicos para auxílio nas respostas à problematização apresentada. Assim, são as seguintes: a) Analisar as influências deixadas pelos ancestrais que se perpetuam até os dias de hoje na vida dos pescadores; b) refletir os lugares das relações de vida e de trabalho dos pescadores; c) Discutir as relações culturais individuais e coletivas que contribuem para o ser/fazer pescador.

O recorte espacial da área de pesquisa localiza-se no baixo Amazonas, em uma comunidade de várzea ribeirinha da Amazônia que se chama Carapanatuba¹. A comunidade de Carapanatuba fica localizada na margem esquerda do rio Amazonas, dentro da região da Aritapera, em área interiorana da cidade de Santarém no oeste do Pará.

Vivendo em ambiente de várzea, as margens do rio Amazonas, os moradores da comunidade de Carapanatuba estabeleceram seus modos de vida, baseado na atividade da

¹ A localização de Carapanatuba está apresentada no capítulo 2, tópico 2.1. O Espaço Coletivo: a comunidade, na página 43.

pesca, seja ela na dieta alimentar ou fazendo parte da renda das famílias. No entanto, a atividade da pesca abrange outras dimensões além do viés econômico e alimentar, mas também a de dimensão cultural, sociais e ambientais.

As comunidades ribeirinhas trazem suas histórias enraizadas e que passam sua cultura de geração para geração, seus hábitos e assim tornam a pesca mais que uma profissão, mas um modo de vida livre e autônomo. São comunidades que possuem conhecimento acumulado em relação ao uso do espaço e dos recursos naturais. Dada a essa percepção, utilizam sistemas tradicionais de manejo, o que garante a sustentabilidade do uso dos recursos (DIEGUES, 2001).

Os estudos sobre a pesca têm assumido um papel importante e ganhado visibilidade nos espaços acadêmicos, sobretudo, no campo das ciências humanas e sociais. Na Geografia existem diversos trabalhos que se fundamentam na “categoria pescador”, com vistas a compreender como esse “sujeito” se relaciona com o meio através de seus saberes tradicionais sobre a pesca, considerando toda sua dimensão. É neste caminho que pretendemos investigar, as relações dos pescadores com o espaço concebido e percebido por meio de experiências pesqueiras.

A intenção de adentrar nessa discussão no campo da Geografia é contribuir para o debate dos valores que o ser humano atribui as suas experiências de vida, articuladas a organização espacial em torno de um lugar cheio de significados. Em relação ao grupo estudado, especificamente, que pensamos em uma organização espacial de uma comunidade ribeirinhas de pescadores, com o intuito de descobrir a pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de uma identidade ou de identidades do ser pescador.

Logo, procura-se entender suas histórias de vida pautadas na atividade da pesca, através de saberes culturais, habilidades práticas e saber fazer transmitidas oralmente na comunidade com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida, percebendo assim que a atividade da pesca nesses espaços pode ser vista como parte integrante e essencial de suas trajetórias de vida.

O discurso sobre a preservação dos espaços amazônicos é existente e pertinente, mas a Amazônia não é apenas feita da fauna e da flora, é também feita por populações tradicionais residentes nesse espaço, a exemplo dos indígenas, dos quilombolas, dos

ribeirinhos, entre outros grupos tradicionais que desenvolvem seus saberes nas suas atividades cotidianas.

Desse modo, é importante que se preserve também os saberes tradicionais, as experiências, carregadas por esses povos que tem suas vivências diretamente relacionadas com a natureza. Posto isto, percebe-se a necessidade e relevância de se buscar o entendimento dos saberes tradicionais desses grupos, e aqui em especial os de pescadores, que surgem por meio da relação homem e natureza, do ser e do fazer pescador em comunidades no interior da Amazônia.

Dito isso, a análise geográfica que se quer, tem a finalidade de compreender a organização espacial dessas coletividades de pescadores nessas áreas, considerando a pluralidade ou diversidade de sujeitos sociais no campo e na cidade existente no Brasil. A partir disso, também pretendemos considerar a possibilidade, nesse trabalho científico, em fazer ecoar as vozes desses povos que vivem em regiões descentralizadas. Além disso, se faz relevante e necessário a teorização, no âmbito acadêmico, dos saberes e das trajetórias de vida desses sujeitos.

Além disso, essa pesquisa se torna importante para a comunidade de Carapanatuba porque é considerada a primeira pesquisa com essa temática. Dessa forma, esse trabalho visa contribuir para o acervo de futuro pesquisadores da área, além de somar com pesquisas sobre a atividade pesqueira realizadas na Amazônia Paraense.

No mais, esta pesquisa também representa ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB a ampliação do seu leque de pesquisa, não somente em áreas do nordeste brasileiro, mas de todas as regiões do País, estabelecendo assim trocas de saberes regionais dentro dos espaços acadêmicos.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, para melhor visualizar como ela apresentamos os capítulos trazemos na sequência um quadro explicativo.

QUADRO 1: Desenho da Dissertação

COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA			
CAPÍTULOS	OLHAR	CATEGORIA/CONCEITO	AUTORES
Capítulo 1: Navegando pela pesquisa: uma abordagem teórica e metodológica	Pressupostos da pesquisa e os caminhos metodológicos utilizados para a construção dos resultados da dissertação; Abordagem de natureza cultural; sobre a importância da Geografia Cultural para a pesquisa; sujeitos da pesquisa; e suas narrativas sobre os saberes e tradições da pesca, considerando sua ancestralidade e os desdobramentos para a atual realidade da vida e do trabalho dos pescadores.	espaço e lugar	Santos (2002), Yi- Fu Tuan (1979,2012) Paul Claval (2001)
Capítulo 2: Revelando o lugar: as relações dos pescadores de Carapanatuba com seus lugares de vida	Olhar para os lugares de vivências cotidianas dos pescadores de Carapanatuba, expondo o espaço comunitário, o lugar de morada e as dinâmicas de vivência dos pescadores. Além disso, mostramos quais são as relações dos sujeitos com o rio.	lugares de vivencias territorialidades	Almeida Filho (2010), Wagley (1977) e Bauman (2020)
Capítulo 03: Fortalecendo o “ser pescador”: as manifestações culturais locais que reforçam a tradição pesqueira	Ênfase aos movimentos de manifestações tradicionais e culturais que contam com a participação ativa dos pescadores de Carapanatuba; Re-conhecimento do ser pescador e da pesca no lugar.	memória e identidade	Meihy (2005) Torres (2013). Claval (1997) Hall (1997)
OLHAR EMBASADO NO MÉTODO FENOMENOLÓGICO			

FONTE: Elaboração: Souza, A.C; 2023

CAPÍTULO 1

NAVEGANDO PELA PESQUISA: UMA ABORDAGEM TÉORICA E METODOLÓGICA

A pesca é uma importante atividade extrativa que compõe a dieta alimentar dos seres humanos e o seu estudo possibilita uma melhor compreensão da história dos povos. A atividade pesqueira artesanal caracteriza-se como relevante fonte de renda, emprego, alimentação, cultura e lazer, possibilitando a permanência do homem em seu local de origem.

Como uma atividade social e econômica, a pesca nos rios, lagos e igarapés e marítima possui atributos espaciais, ainda que realizada na fluidez do meio aquático. Guarda uma especificidade, pois o objeto de trabalho é mediado pela ação humana. Gera conflitos pela apropriação dos espaços e dos recursos pesqueiros. A atividade pesqueira aparece assim como uma interface de processos naturais e sociais extremamente ricas para a análise geográfica, na busca de desvendar a dinâmica de apropriação e conflito presentes no mar, nos rios, nos espaços de pesca (CARDOSO, 2003).

O pescador artesanal possui seu universo como um todo conectado, logo, as suas relações com o meio natural são profundas e inseparáveis. O rio, o lago, o igarapé, não são apenas meros elementos de cenário, mas fator indispensável na representação e construção do modo de ser e viver das populações pesqueiras. A realização da pesca artesanal está intimamente ligada ao acesso e ao uso da natureza, de forma que, esta atividade converte-se num elemento de organização e produção do espaço geográfico.

Falar de pesca é adentrar em uma temática bastante complexa, haja vista que essa atividade envolve vários agentes e é realizada em um espaço muito fluído, livre e depende muito das condições naturais de cada ambiente, das características climáticas, da distribuição do regime das águas o que influencia diretamente nas paisagens que dão forma a região Amazônica.

Na região Amazônica, a atividade pesqueira remonta ao período anterior à colonização, em que os nativos, habitantes desta região, já utilizavam o pescado como parte importante para a alimentação (Veríssimo, 1895; Furtado, 1989; Batista et al., 2004; Isaac et al., 2008). No entanto, iremos aqui focar em conceitos da Geografia que nos direcionem a entender as experiências de vida dos pescadores de Carapanatuba, comunidade ribeirinha do interior da Amazônia Paraense.

Os pescadores e as pescadoras artesanais, bem como alguns outros grupos que configuram as comunidades tradicionais, apresentam relações culturais, sociais, territoriais e políticas diferentes do homem moderno. Eles possuem os seus tradicionais modos de viver e de lidar com a natureza, seus saberes, têm suas histórias e raízes profundas que são passadas dos mais velhos para os mais novos. A pesca artesanal na contemporaneidade, se faz atividade capaz de absorver os trabalhadores - os pescadores e outros – que dela retiram a sobrevivência, mas nela se perpetua a arte de pescar e a história e o saber é passada de geração a geração (SILVA, 2008, pág. 92).

Em decorrência de tudo isso posto é que escolhemos pesquisar, através da Geografia humanística e cultural, a relação entre os pescadores e seus lugares de vida e trabalho. Achamos interessante trazer o conceito de alguns autores sobre cultura para solidificar ainda essa pesquisa.

Para BOTELHO (2001), a cultura se produz por meio da interação social dos indivíduos que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas, estando deste modo relacionados com os hábitos e costumes enraizados no cotidiano da comunidade, envolvendo as relações familiares, de vizinhanças e sociabilidade num sentido amplo, a organização dos diversos espaços por onde circula habitualmente.

Para CLAVAL, (2001);

A cultura é a soma dos comportamentos dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelo indivíduo durante suas vidas e, outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas de comportamentos (CLAVAL, 2001, p. 63).

É nessa perspectiva que buscamos compreender na Comunidade de Carapanatuba, a cultura da pesca no lugar, não só nos seus modos de vida, mas as experiências do ser e do saber do pescador.

Paul Claval dispõe de três eixos de análise da Geografia Cultural que nos permite associar com as vivências espaciais dos pescadores de Carapanatuba. O primeiro é que a Geografia Cultural parte das sensações e das representações, ou seja, o homem aprende o mundo através de seus sentidos: ele observa as formas, escuta os barulhos e sente os

odores daquilo que o envolve, os movimentos do seu corpo constituem uma experiência direta do espaço; o homem age primeiramente em função das indicações que ele recebe dos seus sentidos (CLAVAL, p.93.2012). Na pesca essas características se revelam a partir da vivência constante nos espaços “pesqueiros”, nas estratégias e habilidades para a captura dos peixes.

O segundo eixo é de que a Cultura é uma dimensão coletiva e deve ser estudada através da ótica da comunicação. A cultura é feita através de informações que circulam entre os indivíduos e lhes permitem agir, ou seja, o indivíduo recebe as informações e saberes em contato com os outros, pela observação, imitação, pela palavra ou pela escrita e, a partir disso, constroem suas malhas e estabelece suas relações em sociedade, ou dentro de um grupo específico, que, no caso desta pesquisa, é o grupo de pescadores.

A pesca se manifesta como uma densidade simbólica para grande parte de grupos de pescadores. Para muitos é por meio da pesca que são feitas as trocas de saberes, as relações afetivas com rio, e é através dele que se constroem as relações individuais e as coletivas em seu lugar de vida.

A cultura da pesca é labiríntica em toda a sua práxis, dada a sua construção, a sua significação e o sentido de unidade econômica e política. O fato é que o universo cultural da pesca é uma representação factual na arte de pescar, da construção dos pequenos barcos, da linguagem específica do pescador, da religiosidade e da história cotidiana dos velhos mestres da pesca, (SILVA ,2008).

O conhecimento tradicional na pesca é entendido como um conjunto de práticas culturais, habilidades do saber/fazer da pesca que são transmitidas oralmente nas comunidades de pescadores artesanais, com a função de assegurar a reprodução de seu modo de vida, mas que esses saberes vão sendo aprimorados com novas técnicas de sobrevivência.

Isso se interliga com o que Claval traz no seu terceiro eixo, em relação à transmissão do saber no coletivo para a reprodução da vida na sua individualidade, quando diz que a cultura vai muito além da acumulação de informações que você adquire no coletivo. Ela serve para dar sentido a existência dos indivíduos ou grupos, já que internalização individual da cultural, não se resume só na coleta de informações, mas na prática individual, na possibilidade de adquirir novos conhecimentos, de dominar novas técnicas e experimentar novos valores. (CLAVAL, 2012).

Na pesca artesanal, o pescador age empossado de numerosas características adquiridos do saber ancestral e passa esse saber a todos do grupo. Isso é possibilitado por um comportamento comum a todos da comunidade, podendo afirmar que a cultura do grupo em análise será resultado da capacidade dos sujeitos de si comunicarem entre si, disseminando suas práticas sociais, elo entre o presente e o passado (SILVA ,2008). O coletivo cria as suas estratégias, seus códigos de convivência, mas cada indivíduo cria a sua identidade a partir da internalização de valores dado pelo seu grupo, que o faz existir face as outras coletividades.

1.1.Os caminhos metodológicos da pesquisa.

O melhor caminho escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que iremos trabalhar com pessoas e compreender seus modos de vida, suas experiências e seus saberes foi o da fenomenologia. Por isso optamos andar também pelos caminhos da Geografia Cultural por compreender que mais se aproxima do método fenomenológico e busca descrever os fenômenos da experiência, procura captar o sentido e significado oferecido pelos atores, grupos envolvidos e ao vivido (SURTEGARAY,2005). A fenomenologia cria pontes para que tenhamos acesso às informações e às percepções mais apuradas para ouvir, olhar, sentir, perceber e avaliar todos os fenômenos que traspassam a pesquisa.

Para Amorim (1999), a fenomenologia só se consolidou como uma filosofia madura e aceita universalmente na primeira metade do século XX, porém é de nosso conhecimento que alguns autores na Geografia já haviam começado suas pesquisas utilizando esse caminho para fundamentar a análise.

Referindo-se aos estudos dos espaços vividos, foi somente a partir dos anos 60 e 70 que a fenomenologia garantiu um papel mais significativo na Geografia. Tornou-se um aporte fundamental para a corrente da Geografia Humanística e Cultural, pois procurava-se embasar os estudos nas experiências concretas do homem no espaço (lugar de reprodução da vida) e encontrar, nas experiências, uma orientação que não a limitasse a uma simples sucessão de fatos. O que os geógrafos propuseram com a fenomenologia foi buscar uma análise sobre o homem e seu espaço de modo mais profundo, alicerçado nas vivências intencionais e da consciência sobre o espaço ao seu redor para perceber qual é o sentido dos fenômenos que acontecem no mundo (KOZEL, 2001).

O método fenomenológico valoriza a percepção do sujeito através de suas experiências vividas, ou seja, a relação do homem com o meio em que está inserido. Por meio dele é permitida uma descrição filosófica dos fenômenos manifestados na experiência aos sentidos humanos. A fenomenologia ajuda a ter a compreensão da profundidade do ser humano e faz com que ele próprio se veja como um ser questionador. Martins (2009, p. 44) diz que, a fenomenologia “fundamenta-se na busca do conhecimento a partir da descrição das experiências como estas são vividas, não havendo separação entre sujeito e objeto”, ou seja, a experiência do vivido é o que interessa, sem vivência não há conhecimento sobre o sujeito.

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa (CARLOS, 2008).

Posto isto, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois para Martins (2009, p.141) “é conhecida como pesquisa naturalística, uma vez que para estudar um fenômeno relativo às ciências humanas e sociais é necessário que o pesquisador entre em contato direto e prolongado com o ambiente no qual o fenômeno esteja inserido”.

Ainda de acordo com Martins (2009, p.142), o fenômeno estudado só pode ser captado através de observação e/ ou interação, ou quando o que se quer conhecer é o funcionamento de uma estrutura social, sendo necessário estudo de um processo.

Para buscar compreender as experiências de vida dos pescadores de Carapanatuba, elegemos usar as categorias Espaço e Lugar para subsidiar a pesquisa. O Espaço, é o conceito chave da ciência geográfica. O estudo desta categoria oferece múltiplas possibilidades de análises, estudos e debates científicos.

Espaço e lugar são usados por vários autores de diferentes correntes do pensamento geográfico. Aqui usaremos os conceitos de alguns autores da geografia como Milton Santos (2002), Marcelo Lopes de Souza (2018), Yi-Fi Tuan (2012) e suas concepções de espaço e lugar.

Para Milton Santos, o conceito de espaço é indivisível do homem que o habita e o modifica todos os dias. O espaço é palco de contradições, tensões, resistência e de lutas.

É local onde as práticas e as relações socioculturais são construídas, vivenciadas e fortalecidas. O espaço é, antes do mais, especificação de todo social, um aspecto particular da sociedade global. (SANTOS, 2002).

Assim, o espaço e a sociedade são indissociáveis, um necessita do outro, pois o espaço é o elemento imprescindível para a reprodução da sociedade. As relações na atividade pesqueira são representadas por uma modalidade de uso do espaço. Sua especificidade reside na articulação entre os meios aquático e terrestre, sendo que o primeiro comporta os processos de apropriação da natureza e o segundo significa os espaços de morada do pescador e o da realização do pescado enquanto mercadoria. (CARDOSO, 2003).

Posto isso, TUAN (2012) nos diz que espaço e lugar são familiares e que indicam experiências comuns. O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade. O espaço é mais abstrato que o lugar. Assim, afirma que:

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] se pensarmos no espaço como algo que permite o movimento, então, lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 2012, p.14).

Ele ainda destaca que o "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...) Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (TUAN, 2012, p. 203). Só nos familiarizamos com um lugar após algum tempo. Segundo TUAN (1979) no estudo do espaço, no âmbito da Geografia Humanista, são considerados os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir das experiências de vida dos sujeitos, individuais ou coletivos.

Lugar é por sua vez definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas que vão criando laços afetivos, pertencimento, que vão sendo construídos nas vivências diárias. Podemos considerar, a partir disso, que o espaço vivido pelos pescadores de Carapanatuba se dá a partir dessas relações do dia a dia, no seu lugar de vida e de trabalho através da partilha de um espaço em comum, nas formas materiais, nas trocas de saberes pesqueiros, e também no ser pescador e do estar no rio cotidianamente.

Marcelo Lopes de Souza destaca que o lugar é um espaço dotado de significados e carga simbólica, ao qual se associam imagens, muitas vezes conflitantes entre si: o lugar de "boa fama" ou de "má fama", hospitaleiro, perigoso. O Lugar é, em princípio, um

espaço vivido: vivido, claro, pelos que morram lá ou pelos que trabalham lá cotidianamente (SOUZA, 2018, pág. 36).

Nessa condição de espaço vivido, trazemos aqui a fala do autor Otto Friederich Bollnow, na sua obra “Homem e o espaço” (2008), em que destaca duas condições ao espaço que são: o espaço vivido e o espaço vivenciado. Isso para que se possa ter uma melhor compreensão da organização da existência humana. Dessa forma, analisamos que a partir desses conceitos dados por Bollnow (2008), é que podemos analisar melhor as vivências espaciais dos pescadores de Carapanatuba.

Bollnow (2008) conceitua espaço vivenciado e espaço vivido da seguinte maneira:

Pode facilmente ser tomado num sentido subjetivo, como a maneira como um espaço é experimentado por um homem, espaço que, como tal, já está aí independentemente da maneira como se torna vivenciado, quando o complemento “vivenciado” se refere somente à coloração subjetiva que se sobrepõe ao espaço. Logo, a denominação “espaço vivenciado” pode ser facilmente entendida como “experiência do espaço” no sentido de uma simples circunstância psíquica. Em contraposição, a expressão do espaço vivido tem preferência quando expressa que não se trata de nada psíquico, mas do próprio espaço, uma vez que o homem nele vive e com ele vive. Trata-se do espaço como meio da vida humana (BOLLNOW, 2008, p.16).

Para o autor, o espaço vivido e o vivenciado são diferentes. O espaço vivenciado deve se levar em consideração a experiência no espaço, que interfira nos seus modos de vida, já é o espaço vivido é o espaço concreto real, no qual acontece a vida.

Nessa linha de pensamento do autor, associado com os pescadores de Carapanatuba, podemos considerar o espaço vivenciado como os espaços dentro da comunidade, pescando, navegando pelos rios, lagos e igarapés nas suas embarcações, construindo suas ferramentas de trabalho, trocando suas experiências na vivência do dia a dia trocam suas experiências, realizam seu fazeres, pescam, estão em contato direto com os rios e igarapés.

Já o espaço vivido pode ser qualquer outro espaço vivenciado por eles, como a cidade de Santarém, por exemplo, que é a cidade mais próxima, do qual eles podem ir e ao encontro de bens e serviços que não são encontrados nos espaços rurais, mas dela não se apropriam, pois podem voltar para seu espaço de vivência, seu lugar de morada permanente, pelo qual pode ter laços de afetividade, assim como Tuan diz que, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2012).

É a partir desses conceitos que pensamos em trabalhar os espaços de vivência dos pescadores de Carapanatuba e buscar compreender seus olhares sobre o seu lugar de morada. Estudar os lugares significa examinar um fenômeno específico do mundo vivido, elucidando a intensidade das experiências no Lugar (SERPA,2021).

Tuan (2012), nos possibilita enxergar o lugar em diferentes escalas, como uma cidade, uma comunidade, um bairro, uma estrada, uma casa, tudo pode ser lugar, basta que neles tenham vidas, intimidade, relações de afetividades e representações simbólicas. Dessa forma pode ser vista na vivências dos pescadores de Carapanatuba, nas suas relações simbólicas com a comunidade, com o rio, com a pesca, com os seus instrumentos de pescaria. Através desses conceitos nos permitimos avaliar o lugar como uma ferramenta para buscar compreender relação do homem-sujeito com o seu meio.

Como se trata de narrativas de vivências espaciais de pescadores, o elemento que se julgou importante para obter as informações narrativas da pesquisa foi a história oral. José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda nos apresentam um dos conceitos sobre História Oral: “História Oral é uma prática de apreensão de narrativas feita através de uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos; promover análises de processos sociais do presente e; facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 18).

Para a autora Delgado (2010), a história oral é um procedimento metodológico que busca registrar através de narrativa induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações através de histórias e suas múltiplas dimensões: temporais; espaciais; conflituosas; consensuais. Não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas sim, o registro e depoimento dessa história vivida, na verdade os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituições de fontes orais que traduzem visões particulares e de processos coletivos.

A história oral, em decorrência, é um processo de recordação realizado por um sujeito individual, mas socialmente integrado. Ou seja, os relatos do sujeito investigado contêm informações de uma relação individual e com uma comunidade ou um coletivo específico. A história oral refere-se ao tempo presente, ao contemporâneo, dessa forma, pode no máximo recolher informações e registros sobre um acontecido em um espaço limitado de tempo, não de referências de um comportamento passado, a não ser como registros de tradições que foram passadas de geração a geração.

Delgado (2010). E nessa perspectiva que buscamos nos pescadores de Carapanatuba, conhecer seus saberes e experiências pesqueiras e suas percepções e concepções dos seus lugares de vivências a partir de suas narrativas acerca de suas memórias e saberes, como veremos mais a frente.

Além de utilizar a história oral para a aquisição das narrativas dos pescadores de Carapanatuba outra ferramenta usada para a coleta das informações da pesquisa foi essencial: a entrevista.

O uso de entrevistas como instrumento científico de coleta de dados deve ser o reflexo de um planejamento metodológico consciente e informado. Isto porque, por trás de uma escolha técnico-instrumental, há o enquadramento da pesquisa em um paradigma científico que oferece ao pesquisador contornos e definições claras a respeito do tipo de problema que é possível investigar, como é possível fazê-lo, qual tipo de raciocínio envolvido, qual a postura adotada pelo pesquisador e, finalmente, que tipo de conhecimento pode ser obtido (DENZIN; LINCOLN, 2006). As entrevistas contribuem na investigação dos sujeitos em questão, pois garantem a alcance de informações e acontecimentos sobre aspectos de vida dos sujeitos ao seu ambiente e ao espaço vivido.

As entrevistas foram organizadas de forma semiestruturadas para que pudesse ter mais abertura de outros questionamentos durante o diálogo com os investigados. Trivinos (2008, p.146) garante que, em entrevistas semiestruturadas, o enfoque qualitativo é possível, pois, elas são resultadas não só da teoria que alimenta o investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas.

A utilização de entrevistas em pesquisas sobre relações sociais deve-se a uma série de razões: a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano (CARLOS ,2008).

Durante as etapas das entrevistas, foram utilizadas ferramentas que nos auxiliaram bastante para a coleta de dados, como o aparelho celular para capturar imagens, gravador, caderno de campo, que é um elemento imprescindível para as anotações de detalhes das informações adquiridas.

1.2. Sujeitos da pesquisa

Primeiramente consideramos ser importante trazer aqui o debate sobre o termo ribeirinhos. Sobretudo na Amazônia, pois esses sujeitos perfazem o conjunto da complexidade social da região.

Descreve-se que o ser ribeirinho é aquele que vive as margens dos rios, e que dele depende e cria as suas relações sociais. Mas, só pelo fato de habitar nas margens dos rios, isso não pode ser traduzido como um pré-requisito para definir o ser ribeirinho.

O ribeirinho é muito mais o sujeito que, em suas práticas cotidianas, repete a vida nos rios e o faz no sentido de ser ribeirinho, mas também é aquele que se organiza em coletividade, em comunidade, vive por meio da partilha de saberes, alimentos, etc. Para Lira e Chaves (2016):

As comunidades ribeirinhas apresentam, ainda, um modo particular de vida em vários aspectos, tais como: uso do território, uso e manejo coletivo dos recursos locais, orientados por seus saberes e em bases comunicativas e cooperativas; no estabelecimento das relações sociais de trabalho, bem como, nas relações de compadrio e parentesco. (Lira e Chaves, p.73,2016.)

O Decreto nº 6.040, do dia 07 de fevereiro de 2007, considera as comunidades ribeirinhas como comunidades tradicionais, que se diferenciam pelos seus meios de vivência e organização social. Segundo artigo 3º estas são definidas como:

Art. 3º [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Santos e Almeida (2009, p. 13) abordam que o modo de viver do ribeirinho, enquanto um viver desviante entre mundos:

Os ribeirinhos são seres viventes entre mundos. Vivem entre mundos: o mundo das águas e mundo da terra firme; ordenam o cotidiano entre tempos: o tempo das chuvas e tempo da estiagem; recriam o poético por meio dos mundos imaginários: seres das águas e seres da floresta; dinamizam as práticas sociais entre mundos de pertencimento: lugar e não-lugar.

Os povos ribeirinhos da Amazônia, “daqueles cuja vida material e social está relacionada ao mundo das águas, ao universo haliêutico, isto é, ao mundo das várias pescas, coletas, mariscagem”, destacando ainda as “analogias que podem ser construídas em regiões cujas relações entre homem e meio ambiente sejam influenciadas pelos elementos que guardam tais particularidades”. (Furtado,2002).

Podemos associar essas particularidades ao modo de vida muito característico aos ribeirinhos da região amazônica, do qual tem o rio e seu entorno, onde sua convivência e relações com a natureza se estabelecem de maneira muito íntima, no seu modo de pensar, ser e agir.

E essa forma de dependência com o meio ambiente também se vincula à questão de pertencimento que é atribuído a esse lugar-ribeirinho, pois, nele, há uma geração sucessiva de várias famílias, em que existem histórias carregadas de emoções que contam suas próprias vidas.

Sobre o ser/ribeirinho Loureiro (1992, p.16) diz que: “À vida na beira (do rio) corresponde uma profunda articulação com a natureza, sendo a água o elemento definidor da cultura dessas populações ribeirinhas”.

O termo ribeirinho, contudo, busca identificar um perfil sociocultural de grupos caboclos que se estabeleceram às margens dos rios, num espaço dinâmico que articula as relações de sociabilidade e culturais dentro das particularidades desse espaço, onde a marca dessa configuração pode ser vista nos comportamentos, na maneira de viver, em sua alimentação, nas crenças, em sua religiosidade etc., específicos daquele espaço (FURTADO; NETO, 2015, p. 160).

O ser ribeirinho pode ser identificado em um coletivo, ou seja, em comunidade ribeirinha o que é muito comum na Amazônia e também pode ser identificado individualmente, o sujeito que estabelece sua morada as margens dos rios e a partir dele constroem suas relações.

Dentro desses grupos de povos Amazônicas estão inseridos os pescadores do qual são os principais sujeitos da nossa pesquisa. Trazer o debate sobre as experiências desses ribeirinhos e dentro desse coletivo as redes de pescadores são extremamente importantes, pois, acreditamos que estes sujeitos e suas relações sociais dizem muito sobre as permanências e transformações sociais, espaciais e temporais no lugar.

Como buscamos compreender as vivências espaciais desses pescadores nos seus espaços de vida de trabalho, os pescadores foram selecionados aleatoriamente, sejam eles pescadores vinculados a associação de pescadores, por jovens pescadores e pescadores mais antigos, e mulheres pescadoras que praticam a atividade pesqueira no dia a dia.

No Quadro 02 abaixo trazemos os dados dos investigados, fomos autorizados a fazer o uso de imagens e as iniciais dos seus nomes, mas optamos apenas por colocar pseudônimos nos entrevistados com nome de peixes de água doce, idade, tempo de pescaria, estado civil, se é pescador associado ou não.

Quadro 02. Dados dos pescadores investigados

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	TEMPO DE PESCA
Carauaçu	47 anos	casado	Pescador/associado	28 anos
Pirapitinga	28 anos	casado	Pescador	16 anos
Aracú	22 anos	solteiro	Pescador	08 anos
Pirarara	58 anos	casado	Pescador	06 anos
Pacú	34 anos	solteiro	Pescador/associado	24 anos
Tambaqui	76 anos	casado	Pescador/aposentado	61 anos
Curimatã	39 anos	solteiro	Pescador/associado	22 anos
Pirarucu	75anos	casado	Pescador/aposentado	59 anos
Acari	34	casada	Pescadora/Associada	12 anos
Surubim	48	casada	Pescadora/associada	28 anos

FONTE: Elaboração: Souza, A.C; 2022

Esses pescadores, muitos deles são pais, avôs, maridos, esposas, lideranças comunitárias, além de trabalharem em outras atividades rurais para a sua subsistência, desempenham múltiplos papéis sociais, construindo suas identidades que assim estão associados às experiências e às vivências do saber/fazer de atividades pesqueiras em comunidades ribeirinhas, e aqui em especial a comunidade de Carapanatuba, área de investigação desta pesquisa.

1.3. Breve histórico da pesca na Amazônia

Sabemos que muito antes do período colonial já existiam habitantes em terras Brasileiras, os denominados ameríndios e a pesca já era uma atividade exercida por esses habitantes naquela época. Foram os indígenas que, sem sombra de dúvida, deixaram o maior legado em termos de técnicas de pesca, em rio e mar, durante o período colonial e

algumas dessas técnicas foram incorporadas e modificadas pelos escravos africanos. (SILVA, 1988).

Estudos comprovam que esses grupos indígenas também habitavam a região amazônica antes do processo de colonização, devido muitas características de vivências dos povos Amazônicos se associarem a esses grupos, por habitarem as margens dos rios e por praticarem a atividade da pesca.

A descoberta de sítios arqueológicos revela o florescimento de culturas indígenas na Amazônia em diversos locais ao longo da calha do rio Amazonas, em regiões de várzea, terra firme e zonas costeiras da região. Já se tem conhecimento que muitos grupos indígenas habitavam às margens de rios, lagos, igarapés e orla do mar. Furtado, (2006). Traços deixados por esses povos na antiguidade, muitos deles ainda se fazem presente na atualidade das comunidades ribeirinhas da Amazônia, em muitas atividades, inclusive a pesca.

o uso e a confecção de redes, canoas, materiais de caça e pesca ainda hoje podem ser encontrados e são heranças deixadas pelas culturas indígenas para as populações ribeirinhas. Da mesma forma que a maioria dos nomes da flora, da fauna e da maior parte das localidades deriva dos grupos indígenas que habitavam o local no passado (LOUREIRO, 1992, p. 26).

No século XVI, os grupos indígenas usavam flechas para pescar, atirando de encontro ao peixe, com uma grande quantidade de acerto. A pesca com flecha era praticada sobretudo nos rios, os grupos indígenas, pescavam com peneiras, mergulhavam e apanhavam os peixes. (SILVA, 1988).

A tecnologia de pesca utilizada apresentou uma evolução desde o contato dos indígenas com os portugueses. Redes passivas já eram utilizadas pelos indígenas Carajás do rio Araguaia, no Pará, durante os séculos XVII e XVIII, sendo confeccionadas com feixes de fibra de embaúba. Estes apetrechos eram utilizados como barreiras ao deslocamento dos peixes que eram capturados manualmente (Machado, 1947 apud Smith, 1979).

Outro conhecimento ancestral utilizado pelos povos tradicionais na Amazônia para a pesca artesanal é a utilização de ervas para o entorpecimento dos peixes, como o timbó. O tóxico contido na erva não é danoso ao consumo humano, mas deixa os peixes atordoados ou chega até a matá-los, facilitando a pesca. São várias pesquisas

antropológicas sobre a contribuição indígena na Amazônia, mas destacamos a pesquisa de ESTORNILO (2014)²

Muitas eram as técnicas utilizadas pelos povos indígenas naquela época na atividade pesqueira, os instrumentos de pesca e os tipos de embarcações são totalmente diferentes da atualidade. No entanto, na região amazônica, algumas técnicas utilizadas pelos povos indígenas ainda são bastante utilizadas.

Nesse subitem trazemos as narrativas dos pescadores da comunidade sobre suas memórias e saberes deixados pelos seus ancestrais que se perpetuam até os dias atuais na atividade pesqueira. É importante trazer aqui a contribuição da narrativa para a pesquisa, foi um instrumento fundamental para a coleta de informações dos nossos investigados. As narrativas nos dizem muito das histórias de vida contadas e a memória pode nos revelar a essência de uma identidade, pois está intimamente ligada a um passado vivido por uma pessoa ou um grupo.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces (MEIHY, 2005, p.61).

Durante a nossa pesquisa, procuramos indagar primeiramente com os pescadores sobre suas histórias de vida na pesca e como que eles aprenderam ou começaram a praticar essa atividade, suas relações e tradições adquiridas que foram deixadas pelos seus antecessores e como elas contribuem para a pesca atual. Procuramos deixar os participantes bem à vontade para contar as suas narrativas de vida.

As conversas foram realizadas nos meses de abril, Julho e Dezembro de 2022, devido ao contexto da pandemia, o acesso aos pescadores da comunidade ficou um tanto que restrito, principalmente no ano de 2021. Com permissão dos próprios pescadores, e seguindo protocolos de segurança, as conversas foram realizadas dentro das suas casas. Esse momento foi muito importante para compreender também as suas relações com seu espaço de morada.

² ESTORNILO, Milena. 2014. **Laboratórios na floresta**: os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro. Brasília: Paralelo 15. 549 pp.

Retornando o debate acerca da ancestralidade da pesca na Amazônia, sabemos que ela se desenvolveu há muito tempo no lugar, devido à grande extensão de áreas aquáticas, à tradição e à dependência das populações tradicionais da região. Apesar de ser uma atividade bastante antiga, houve pouco avanço tecnológico no que tange à pesca artesanal ou tradicional que é o que prevalece na comunidade de Carapanatuba.

Seu *Tambaqui*, mora há 76 anos na comunidade e exerce a atividade da pesca desde seus 15 anos. Relata que tudo o que sabe hoje da pesca foi na observação de seu pai. Vejamos o relato;

Rapaz, eu criei 12 filhos, pescando, e tudo o que eu sei, foi vendo o papai fazer, “*arguma*” coisinha assim que ele me ensinava, essas coisas ele aprendeu com o pai dele, o vovô; é assim, um aprende e vai passando pra outro. A pesca que a gente fazia antigamente era de arpão, aquele que tem o ferro grande na ponta. Não era de flecha não, usei flecha umas duas vezes, “paresque”, pra matar pato do mato, mas não pra pescar peixe. Eu nem sei te dizer como que começou a história da pesca aqui, desde que eu me entendo por gente que é assim, acho que foi os índios, eu acho, que deixaram esses aparos de pesca e a gente só aprendeu a usar também. (*Tambaqui*. 76 anos. Pescador Aposentado. Entrevista cedida em 11/04/2022).

Arcos e flechas foram amplamente utilizadas pelos indígenas na pesca pré-colonial. Etnógrafos e viajantes relatam que pelo menos 21 povos faziam uso desses artefatos de caça e pesca, sendo que a variedade de flechas é aparentemente maior entre os indígenas do que atualmente se observa entre os caboclos (Smith, 1979). Tarrafas não eram empregadas pelos indígenas, mas foram introduzidas na época colonial (Smith, 1979) junto com as redes de arrasto (Furtado, 1981).

O Seu *Tambaqui* relata ainda que houve algumas inovações no modo de pescar na comunidade, mas segue o método tradicional de pescaria.

Eu sempre pesquei assim, de bote, sozinho, pesco de caniço, malhadeira, de *argodão*, de mica (nylon) também, mas é mais difícil, eu gosto mais de *argodão* por que ela demora mais, tarrafa eu nem sei jogar, só vou pra guiar o bote mesmo. Eu monto meu pesqueiro, pego um fruta e coloco amarrada na ponta de uma vara, qualquer uma que eu tiver, daí fico batendo na água, pra dizer que é a fruta que cai, até o peixe vim, né, daí jogo uma fruta e no outro dia o peixe já tá acostumado lá, a gente só faz pescar. Isso daí também foi o papai que me ensinou, *arguém* deve ter ensinado pra ele, mas muita gente daqui usa isso pra chamar peixe. Tem muita gente aqui que pesca de bajara, *mutor* rabeta, eu não sei mexer nisso, meu filho que sabe, tem gente que vai de grupo em barco, faz arrastão, essas coisas, mas eu só faço o que eu sempre fiz, até por que eu já “tô” ficando velho já, nem me interessa mais saber em mexer nessas máquina. (*Tambaqui*, 76 anos, pescador aposentado. Entrevista cedida em 11/04/2022).

Figura 01: Pescadora local fazendo uso da tarrafa de linha de algodão.



FONTE: Acervo da autora. Souza, A.C.2022.

A tarrafa é largamente utilizada em espaços onde a profundidade não é muito baixa, capaz de cercar o pescado de forma mais eficaz, o apetrecho tem muita a contribuição luso no período colonial, contudo ainda é um instrumento de pesca artesanal. (ARIÉS.1995). A tarrafa é feita de linha de algodão, no formato de um cone, e para que ela possa descer mais afundo nas águas, são colocadas correntes nas suas bordas, pesando em média 1,5 kg. Para Joga-la é preciso ter muita técnica e experiência, para que ela possa ter total abertura e consiga alcançar maior quantidade de peixes.

Figura 02: Pescador associado, jogando a tarrafa de algodão.



FONTE: acervo da pesquisadora, Souza, A.C.2022.

Silva, (1988) em pesquisa sobre pescadores na história do Brasil, traz relatos das produções das redes de pesca, principalmente as chamadas malhadeiras, com a participação dos povos indígenas na confecção desse artefato.

As redes de pesca eram tecidas com fibras de palmeiras tucum e de ananás, eram feitas de algodão bem traçados, e esfregado diversas vezes no troco da árvore. Após esse processo, as linhas eram endurecidas ao sol, tornando-as elásticas, embora permanecessem bem resistentes. (Silva, 1988.pg 35).

Figura 03: Pescador fazendo uso da malhadeira de algodão.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza.A.C.2021.

Observa-se pelos relatos do pescador *Tambaqui*, que tudo são aprendizados deixados pelos ancestrais, e que os pescadores atuais, vão só aprimorando o uso dessas técnicas. “O conhecer do velho pescador se traduz pela sabedoria, algo distinto do saber-fazer. A sabedoria não diz respeito ao manuseio de um apetrecho de pesca, mas onde e quando utilizá-lo. A sabedoria, o pescador a adquire não somente pela experiência, mas indo pescar e ouvindo os mais velhos” (DIEGUES, 1983, p. 195).

O conhecimento pesqueiro [...] é patrimonial, ancestral, que transborda de geração a geração, tanto pela força da oralidade, como no ato de ver alguém mais velho pescando. É, a partir daí, que os segredos aquáticos são revelados aos mais novos, e que se entende as artimanhas das águas. Assim, pesqueiros são desvendados, caminhos descortinados, técnicas de manejo das armadilhas e náuticas trazidas à luz, explicitando as maneiras e os métodos usados para se mapear e utilizar o espaço [...] Ver, fazer e conservar na mente o aprendido é o caminho para se tornar um pescador. De fato, essa aprendizagem nunca foi feita diferentemente, porque a sua rotina sempre foi essa, passando de avô para o pai, do pai para o filho, dos mais velhos para os mais jovens e/ou dos mestres para o restante da tripulação embarcada. O sentido da tradição ganha contornos nítidos nessas falas. Pescar artesanalmente é ligar homens às práticas tradicionais (RAMALHO, 2004, p.64).

Carauaçu é pescador associado, está vinculado a associação de pescadores Z-20, que é uma associação de pescadores do município de Santarém. *Carauaçu* conta que a sua história com a pesca já tem 28 anos, e que tudo o que aprendeu sobre a atividade foi olhando outras pessoas fazerem.

Bem, eu pesco de meus 19 anos de idade, lá em casa era muitos irmãos, morava todo mundo junto na mesma casa, então era muita gente pra comer, então tinha que ter mais gente pra pescar também, daí eu fui meio que obrigado a começar a pescar. O que eu sei da história da pesca daqui é que antigamente os pescadores pegavam peixe com a mão, tinha muita fartura de peixe aqui, usavam peneiras de palha, arpão, eu só ouvia falar, mas eu nunca vi, e nem usei nem uma dessas. Eu uso caniço, malhadeira, espinhel, que foi o que eu aprendi. Eu sei fazer malhadeira, caniço, isso tudo eu aprendi olhando, não que meu pai tenha dito, vem aqui que eu te ensino, a gente olhava e aprendia, assim. (*Carauaçu*, pescador associado, 47 anos. Entrevista cedida em 09/04/2022).

Figura 04: pescador local fazendo uso do apetrecho Caniço.



FONTE: acervo da pesquisadora, Souza.A.C.2021.

O caniço ou vara de pesca surgiu na Europa por volta do século XVIII com a necessidade de ampliar o alcance de ação do braço do pescador na captura do peixe. As varas de pesca eram feitas de linha de fio de cipó e posteriormente de fio de seda, com a extensão madeiras extraídas da América do Sul. Em 1801, o pesquisador Snart, em sua obra (*Observações práticas sobre a pesca no rio Trent*), viu que as madeiras eram muito

pesadas e mencionou pela primeira vez a vara de bambu como material leve para essa atividade. (Portal São Francisco.2020).

Os pescadores e pescadoras de Carapanatuba fazem bastante uso do caniço durante suas atividades, mas as varas não são feitas de bambu e sim de galhos leves e resistentes de árvores locais e essa adaptação vem desde os seus ancestrais.

Figura 05: pescador aposentado fazendo o uso de caniço no seu quintal durante o período da cheia³.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2022.

Outro instrumento de pesca citado por nossos investigados foi o espinhel. É considerado um apetrecho utilizado de forma passiva sem muitos danos as espécies. Na atividade pesqueira, os pescadores operam em artes de pescas ativas e passivas. (Isaac *et al.*,2008). O espinhel destaca-se por ser um dos métodos que mais satisfaz às premissas da pesca responsável, por permitir a seleção de espécies de grande porte, alta qualidade do pescado. (Mytilineou et al., 2014).

³ Cheia é chamada assim quando as águas dos rios chegam até metade da palafita da casa, muitas vezes invadem até as casas

Figuras 06: Linha e vara de espinhel mais utilizado pelos pescadores de Carapanatuba.



FONTE: acervo da pesquisadora.Souza.A.C, 2022.

O espinhel é utilizado pelos pescadores de Carapanatuba, mais com o intuito de adquirir peixe para a comercialização, já que é um instrumento que facilita a captura de peixes maiores. O tamanho do espinhel varia de 4 a 8 metros de tamanho na linha e a cada metro um anzol grande. A isca utilizada nesse instrumento são os peixes menores como sardinha e as piranhas.

Figura 07. Tipo de anzol utilizado em espinhel dos pescadores de carapanatuba.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2022.

Figura 08: Desenho explicativo da forma como o espinhel é utilizado na pescaria.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2023.

Muitas são as histórias contadas da pesca no Brasil e na Amazônia e a maioria dessas técnicas estão vinculadas ao passado indígena e que foi se modificando com a inserção da população negra e dos colonizadores europeus. A pesca na comunidade de Carapanatuba, carrega em sua história, muitos traços dos povos indígenas, e que apesar de algumas inovações, essas técnicas deixadas pelos ancestrais ainda prevalecem no lugar.

A gente vê pouca diferença aqui na comunidade no modo de pescar, a diferença aqui, é que a gente já compra a malhadeira pronta, usa o motor rabeta, barco a motor, essas coisas, já tem uma frízer pra guardar os peixes, antes tinha que salgar e colocar pra secar, hoje em dia não, eu digo assim, não tem essa tecnologia toda que tem ai pra fora, né. Tudo o que a gente sabe de pesca aqui é que os nossos pais deixaram de ensinamento pra gente né, e os outros deixaram pra eles, tudo é assim. (*Pirarara*, pescador, 58 anos. Pescador não associado. Entrevista cedida em 14/07/2022).

Pirarara, ainda conta mais relatos de técnicas de pesca realizadas pelos ancestrais, que na atualidade já não se pratica mais devido as novas técnicas de captura e escassez do recurso pesqueiro.

Papai conta que tinha uma técnica que eles faziam antigamente, quando tinha muita fartura de peixe, é por que aqui tu sabe como é, a gente vive

na enchente, na vazante, né, e na vazante era a época que tem mais fartura de peixe, aí o que eles faziam, afundavam as canoas, o bote no lago, ou no furo de um rio e depois balançavam pra ela secar a água e os peixes ficarem dentro, mas naquela época que tinha muita fartura, hoje em dia não dá mais pra fazer isso não. (*Pirarara*, pescador não associado, 58 anos. Entrevista cedida 14/07/2022).

Diante das falas dos entrevistados, percebe-se que aquisição do saber/fazer da pesca possui raízes nos saberes ancestrais dos povos indígenas da Amazônia, que são evidenciadas em pequenas práticas cotidianas e também por meio da oralidade, em que são socializados os saberes sobre a dinâmica da natureza, e que eles têm e constroem relações simbólicas e afetivas com seus lugares de vida e trabalho.

1.4. O Dialeto Paraense.

Durante as falas dos entrevistados, a diferenciação e a troca do uso das conjugações corretas de palavras usadas, se torna perceptível no decorrer da leitura das narrativas. Como é o caso da utilização mais forte das letras “R” e do “U”, e a troca do uso das vogais “o” e “u” em algumas palavras.

O uso de palavras característicos do estado do Pará, ou da região Norte, em algumas ocasiões, também são notáveis, e serão assim no decorrer da leitura deste trabalho. Isso se justifica pela diversidade de dialetos existentes no Brasil, usar vogais muito abertas ou fechadas se torna uma característica marcante no Norte do País.

E para falar dessa diversidade de dialetos no Brasil e especificamente da região Norte, do qual essa pesquisa está inserida, é inevitável não se remeter ao processo de colonização do Brasil. Para Galvão (1976) três correntes étnicas foram as responsáveis pela formação da nacionalidade brasileira (o ameríndio, o europeu e o africano), o que resultou nas variantes regionais da nossa cultura, e isso contribuiu para os diferentes sotaques encontrados no Brasil que podem ser explicado sob um ponto de vista histórico da colonização.

Alguns pesquisadores defendem que as vogais fechadas e o forte uso do “R”, utilizadas pelos nortistas são herança natural dos Portugueses, e o uso forte do “U” dos Franceses que frequentaram essa região do Brasil e principalmente, o estado do Pará devido ao processo da descoberta das “drogas do sertão” e do ciclo da borracha⁴ na

⁴ Para que o leitor tenha maior compreensão de como se deu o Ciclo da Borracha e a migração de nordestinos para a Amazônia sugere-se a leitura dos seguintes trabalhos: “Espaço Ribeirinho” (SILVA, 2000); Amazônia-Natureza, Homem e Tempo (TOCANTINS, 2009).

Amazônia, o que colaborou também para a migração de nordestinos para a região. A forte presença e línguas diversas das populações indígenas locais, também contribuíram bastante para a diversificação do dialeto local.

A pesquisadora Sarah Luísa Santos na sua pesquisa “Como se fala no Pará - a mistura mais evidente entre língua portuguesa e línguas indígenas” destaca que o dialeto Paraense tem grande influência Luso-indígena. Uma das grandes influências de Portugal, está presente no uso do chiado ou “S” com som de “X”, como é o caso do “mesmo” que o Paraense usa o “X” no lugar do “S” e do uso forte do pronome “TU” corretamente no dialeto Paraense, em vez de “VOCÊ”.

A Influência Francesa também foi deixada no sotaque Paraense no chiado com o uso dos “erres” e dos “esses” e do uso do “U” no lugar do “O”, em que os Franceses falam “bonjour amour”, “merci beaucoup (merci bocu)” com a forte presença do “U”. Isso durante o processo de ocupação da região em um determinado período, deixou resquício na linguagem Nortista e Paraense, no uso forte do “u” em algumas palavras utilizadas.

No caso dos pescadores investigados, essa influência se faz muito presente, como no caso de “fUlha” em vez de “folha”, “ulhu” no lugar de “olho”, “bUtei” em vez de “Botei”. O forte uso do “R” quando se faz a fala “soR”, em vez de “Sol”, “aRgodão”, em vez de “Algodão”.

Já influência indígena no dialeto paraense está presente em algumas palavras usadas dos pescadores de Carapanatuba, como é o caso do “paresque”, Garapé, Carapanã, Chibé, Curumin, são algumas palavras muito utilizadas na linguagem paraense e Nortista.

O Movimento Amazônia independente no “Dialeto Amazônida”, relata que na Amazônia a língua Portuguesa substituiu a língua geral (Nheengatu) no final do século XIX, com a ideia de “nação brasileira”, pois a língua portuguesa foi imposta sobre as regiões para promover a “unificação” e suprimir as variações linguísticas-uma clara agressão a diversidade linguística e étnica. (MOVIMENTO AMAZÔNIA INDEPENDENTE, 2019).

A região Amazônica possui uma grande riqueza sociolinguística, e isso se justifica através do processo de colonização e ocupação dessa região que contribui para toda essa diversidade, seja de origem indígena, Portuguesa, Francesa, quilombola e Nordestina.

CAPÍTULO 02

REVELANDO O LUGAR: AS RELAÇÕES DOS PESCADORES DE CARAPANATUBA COM SEUS LUGARES DE VIDA

Neste capítulo damos visibilidade aos lugares de vida dos pescadores da comunidade, mostrando como eles se relacionam no dia a dia, os seus pontos de encontro, lugares onde constroem as suas relações de vivências. Desse modo, fizemos bastante uso de imagens fotográficas para demonstrar os lugares, visto que as fotografias são elementos de representações importantes na Geografia. Para Ruiz,

A fotografia, além de ser o registro dos locais, fatos e pessoas que nos é importante, nos leva a lugares que ainda não visitamos, pode também ser considerada como uma fonte importante de dados, fatos e informações que se soubermos explorar corretamente a transforma em um poderoso recurso ilustrativo (RUIZ, 2008, p. 20).

De modo, usamos dessa ferramenta para ilustrar os lugares de vivencias dos pescadores de Carapanatuba permitindo, assim, que os leitores possam visualizar o lugar, ainda não visitado, podendo ter uma melhor interpretação da leitura. Dessa forma a imagem fotográfica se apresenta como uma fonte reveladora de pesquisa que demanda do pesquisador um novo tipo de crítica. O testemunho da imagem fotográfica é válido, não importando se o registro foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. LUTZ (2010).

A fotografia é apenas um recorte espacial de outros espaços que a definem e os estruturam, como o espaço geográfico, os espaços de vivências e os comportamentos dos sujeitos que ali vivem. Assim, a fotografia dentro desse capítulo se tornou imprescindível para fazermos a leitura dos espaços de vivências dos pescadores de Carapanatuba.

Trazemos ainda neste capítulo as narrativas dos pescadores da comunidade, suas histórias com esses lugares que são frequentados por eles diariamente. Seja sua casa, a igreja, o seu bote ou canoa de pesca, seus pontos pesqueiros, no “barco de linha”, suas relações com o rio, como eles constroem as suas vivencias através desse elemento, já que vivem as margens dos rios. Assim, vamos destacar esses lugares, desenvolvendo a narrativa tópico temático na redação desse capítulo.

2.1. O espaço coletivo: A comunidade

Antes de conhecermos a área de pesquisa, faremos uma breve contextualização do termo “comunidade” para fundamentar melhor este subitem. Muitos estudos estão direcionados para esse termo, assim usaremos da interdisciplinaridade para o embasamento, trazendo os olhares e discussões sobre a temática de alguns autores como: Almeida Filho (2010), Wagley (1977) e Bauman (2020) que buscavam compreender as relações e as organizações de pequenas sociedades.

Florêncio Vaz de Almeida Filho considera comunidade da seguinte forma: O termo se impôs sobre as formas de organização baseadas nos núcleos familiares, e implica em certo grau de institucionalização. Muitas comunidades têm estatutos aprovados em assembleias gerais, ou elegem um presidente com tempo de mandato definido, que coordena as atividades coletivas e representa o grupo externamente (ALMEIDA FILHO, 2010, p. 279). Essa dinâmica citada pelo autor, se faz muito presente na realidade da comunidade de Carapanatuba, em que os comunitários elegem um presidente para representá-los em eventos na cidade de Santarém e em outros movimentos locais em busca de melhorias da comunidade.

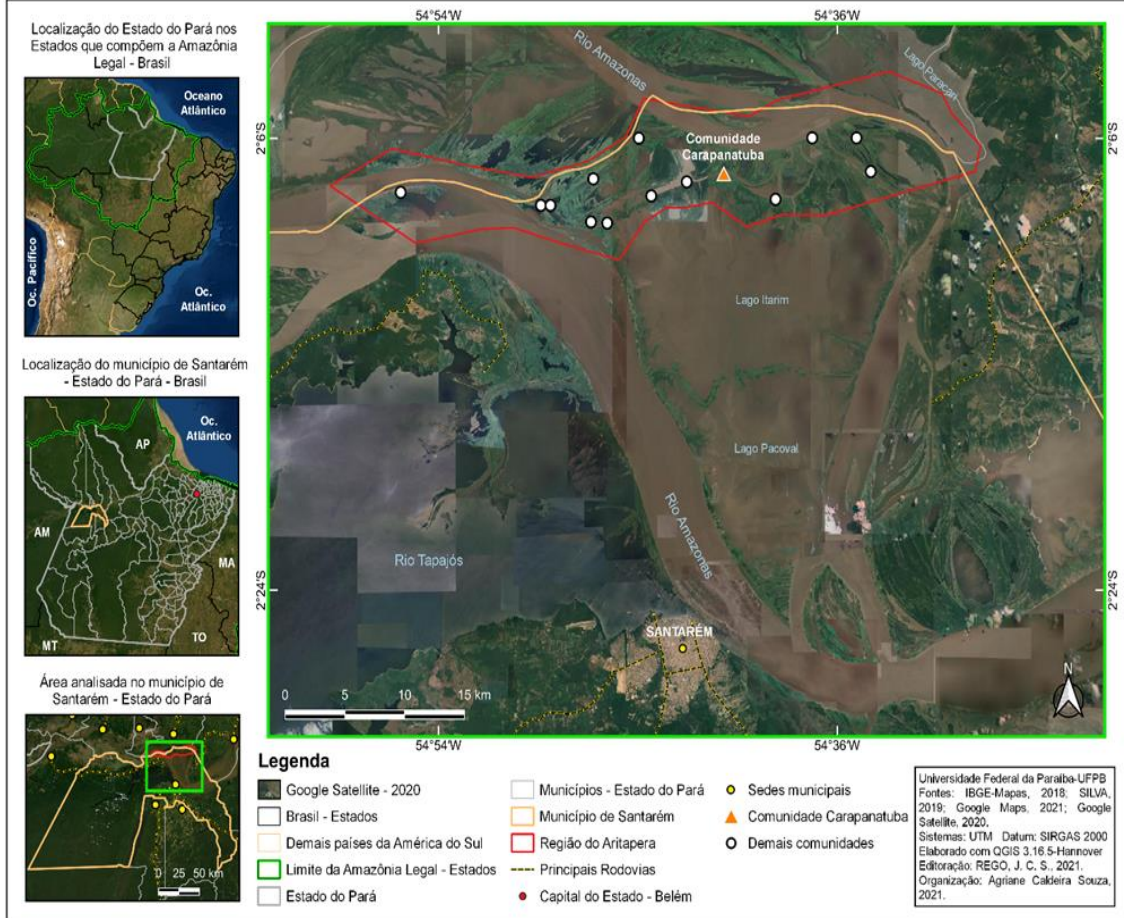
Charles Wagley caracterizou comunidades como lugares onde:

Existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem interligados e formam parte de um sistema geral de cultura, tal como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais (WAGLEY, 1977, p. 40).

Zygmunt Bauman destaca que a comunidade, é um lugar cálido, um lugar confortável e aconchegante, onde a palavra comunidade sugere algo bom, onde se vive em harmonia e em partilha. (BAUMAN, 2020, p. 07). Dentro das perspectivas dos autores, observarmos em Carapanatuba muito dessa dinâmica da partilha entre os comunitários e as suas convivências muito voltadas para a harmonia e o bem do coletivo da comunidade, dos saberes que se perpetuam entre as famílias e suas organizações nas diferentes vertentes da sociedade.

Carapanatuba é uma comunidade de várzea que está localizada dentro de uma região chamada de Aritapera e fica na margem esquerda do rio Amazonas, no município de Santarém, estado do Pará. O nome Carapanatuba se deu em homenagem a um canal fluvial que existia na comunidade, nome esse de descendência indígena, bem como Aritapera (*Ari que morava na sua tapera*). A seguir apresentamos a **Figura (08)** - Mapa da Região do Aritapera, onde está localizada a comunidade de Carapanatuba.

Figura 09. Mapa de localização da região do Aritapera, onde está situada a comunidade de Carapanatuba.



FONTE: acervo da pesquisadora, Souza, A.C.2021.

Para que o leitor esteja situado no espaço e no lugar desta pesquisa, consideramos importante tecer breves considerações a respeito das áreas de várzea da Amazônia. As várzeas amazônicas são áreas úmidas que inundam periodicamente por ocasião das enchentes que é quando nível das águas no local, provenientes dos rios, começam a subir e atingir os terrenos, ou por vezes até as casas dos moradores. Para melhor compreensão e visualização da comunidade de Carapanatuba, trouxemos um mapa mental elaborado por alguns pescadores da comunidade que compõem o nosso grupo de colaboradores da pesquisa na **Figura 10**.

Figura10 : Mapa mental de Carapanatuba elaborado por pescadores da comunidade.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A.C.2023.

No mapa mental acima estão os principais pontos de referência e de sociabilidade da comunidade que discutimos na pesquisa como o espaço da casa, igreja, o barracão comunitário, o barco e o rio. A imagem remete ao leitor ter uma noção do lugar investigado.

Carapanatuba, é uma comunidade que têm o ritmo da vida cotidiana inspirado diretamente no ritmo das chuvas. A alternância entre secas e cheias se reflete de forma bem-marcada em todas as instâncias da vida social dos moradores: na disposição das casas; nas atividades econômicas; nas festas e; no planejamento das escolas.

Entre os anos de 1980 e 1990, em Carapanatuba, se cultivava laranja, cana de açúcar e cacau. Por volta de 1940 a juta⁵ era a principal fonte de renda econômica dos

⁵ Fibra têxtil vegetal utilizada para fabricar tecidos e artesanatos.

moradores. Mesmo com todas essas atividades, a pesca nunca deixou de ser elemento fundamental na dinâmica da comunidade.

Atualmente a comunidade é composta com 40 famílias, em sua maioria adultos e idosos, em que a fonte de renda está voltada para a pesca artesanal. É formada por pescadores não vinculados e vinculados a associação de pescadores Z-20 do município de Santarém, além de aposentados e funcionários públicos. Alguns têm sua renda familiar voltada também para o cultivo próprio de plantações de ciclos curtos, pequenas criações e o artesanato de cuias⁶.

Dentre alguns aspectos voltados para a parte coletiva de Carapanatuba, podemos citar o primeiro clube de futebol denominado de “15 de novembro”, que foi fundado pela família Martins em 1967. No entanto, os atletas mais novos decidiram fundar outro clube para praticar o futebol, pois a comunidade era bastante populosa e acabava dificultando o treino da juventude em detrimento aos mais velhos, dando origem ao time do “Bom Sucesso”, que foi fundado em 1968. Anos depois, foi construído o campo e, posteriormente, a sede própria, dando origem ao que hoje é Sporte Clube Internacional na década de 80.

Por volta de 1985, houve a criação do clube de futebol Esporte Clube Botafogo o qual possuía número expressivo de sócios. Este ainda existe na comunidade e promove seus eventos para assim abrilhantar e fazer sucesso juntamente aos moradores.

A comunidade também tem a associação de Moradores da Comunidade que promove eventos nos espaços coletivos chamados de barracões comunitários, próximo a escola e a igreja local. É dentro desses espaços coletivos que os pescadores e pescadoras da comunidade têm seus pontos de encontros e reuniões acerca da atividade pesqueira da região.

⁶ Artesanato das cuias vem da tradição indígena, cuja é o fruto retirado de uma árvore chamado de cuieira, coité ou cabaça, onde principalmente mulheres modelam esse fruto em formato de utensílios domésticos e até de acessórios de beleza para uso pessoal e para comercialização.

Figura 11: Barracão comunitário de Carapanatuba.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2019.

Em conversa com nossos entrevistados, muitos deles destacam a importância desse espaço coletivo, para a melhor organização da vivência em comunidade. A senhora *Acari* que é uma das grandes participantes de eventos da comunidade e hoje é a atual coordenadora da associação dos pescadores de Carapanatuba, relata que são nesses espaços coletivos que saem os acordos dos moradores.

Pra mim, assim, é muito importante a gente ter essa convivência na comunidade, ninguém vive isolado em um lugar, né, pode até viver, mas não por muito tempo. É nesses lugares aqui como o barracão, que é onde a gente faz as reunião que na maioria das vezes são lugar da gente se encontrar, os moradores todos, as vezes da confusão entre um morador e outro, mas sempre a gente se acerta pensando no bem da comunidade, por isso que eu digo que é bom a gente ter esses lugares pra gente se encontrar, as vezes a gente se encontra na beira do campo, nas festa, mas é pra se divertir. Agora essas coisas mais sérias de dinheiro, acordo de pesca, seguro de pescador, tem que reunir todo mundo e ser aqui no barracão, que é da onde sai os acertos das coisas. (*Acari*, representante dos pescadores, 34 anos. Entrevista cedida, 14/12/2022).

A igreja também é um espaço muito citado pelos entrevistados como um ponto de encontro dos comunitários. Para além do espaço sagrado, a igreja, para eles, também é um espaço de organização social e de partilha, como afirma *Pirarucu*:

quase todo domingo tem culto lá na igreja, a gente daqui de casa vai quase todo domingo, eu e a minha esposa, que os filhos tão quase tudo pra cidade, aqui *mermo* perto da gente só a Ana, e o Pedro, mas ele não

anda em igreja... se a gente não *fur*, a gente não sai de casa, quase não tem lugar pra sair aqui né, ainda mais quando tá tudo cheio de água aqui, e isso quando a igreja não vai no fundo, né. Eu vejo assim, a igreja como um lugar pra gente rever os amigos, saber como tão de saúde, combinar uma pescaria, saber o dia que vai pra cidade, essas coisas; gente reza é claro, né minha filha, faz a oferta do dízimo, mas depois que acaba o culto, a gente conversa sobre outras coisas, eu gosto demais desses encontro, assim, com todo mundo da comunidade. (*Pirarucu*, Pescador, aposentado, 75 anos. Entrevista cedida 14/12/2022).

Diante das falas dos entrevistados, podemos observar que são nesses espaços coletivos que eles se relacionam enquanto comunidade, que é ali que eles estabelecem suas normas e regras de vivência no coletivo, pois cada um faz sua vivência individual, familiar, mas são dentro desses espaços de se encontrar semanalmente é que eles se organizam e partilham de ideias em comum na comunidade.

Figura 12: Igreja da comunidade de Carapanatuba.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2020.

Figura 13: Igreja de Carapanatuba no período da cheia.



FONTE: acervo da pesquisadora, Souza, A.C.2020.

Dentro desse espaço comunitário de Carapanatuba eles ainda prezam bastante pela partilha, principalmente de alimentos. Como cita o entrevistado *Pirarara*;

Eu nasci aqui, cresci e depois fui pra cidade, mas não me acostumei, tudo é comprado, as pessoas não têm o *costume* de repartir as coisas, na cidade tem de tudo, mas se você não tiver o dinheiro, você não come, por isso que eu voltei pra cá, por que aqui, tu pode ver, quando alguém pega uma caça grande, ou um peixe grande, sempre divide com os vizinhos, com os nossos parente, né; é assim aqui, as vezes falta uma farinha, um açúcar, vai no vizinho empresta, tu pode pedir um cheiro verde, um peixe que eles te dão, mas vai na cidade pra ver se é assim, tu sabe que tu convive nisso. Não vou dizer também que aqui a gente não compre as coisas, tipo uma quantidade de peixe maior pra mandar pros parente na cidade, uma galinha caipira, a gente compra sim, mas a gente ainda tem essa mania, digamos assim de dividir as coisas com os vizinhos aqui na comunidade. (*Pirarara*, pescador não associado. 58 ano. Entrevista cedida dia 14/07/2022).

Essa dinâmica da partilha entre comunitários é muito comum em lugares da Amazônia, principalmente na questão da alimentação, e muitas das vezes de produtos retirados da natureza. Essa prática dá uma noção de que a ação do capitalismo ainda não invadiu totalmente essas populações, o que é refletido na ação de solidariedade entre as pessoas que delas pertencem.

2.2. O espaço de morada: A casa

A casa palafita é uma das características principais da paisagem ribeirinha da Amazônia. É necessário ter essa característica, uma vez que casas suspensas protegem os moradores e as criações (gados, galinhas, cachorros etc.) das inundações ocasionadas pela cheia do rio Amazonas, tendo em vista que a sazonalidade do rio interfere diretamente no modo de vida dos moradores. As coberturas de palha também foram usadas nas várzeas de Santarém, até um passado recente, alguns moradores da comunidade ainda usam a palha como cobertura da casa, mas bem pouco. As **Figura 14** - Família da comunidade em sua casa durante o período da cheia, **Figura 15** - Criação de galinha de moradores de Carapanatuba durante o período da cheia, **Figura 16** - Casa de fogão de lenha no período das fortes cheias, ilustram o tipo de habitação dessa população ribeirinha e pescadora. As casas na comunidade de Carapanatuba possuem esse estilo palafitas, em sua maioria de madeira, casas com o assoalho com no máximo 3 metros acima do solo, devido ser planície de inundação e com a cheia dos rios, acaba ficando submerso.

Figura 14: Família da comunidade em sua casa durante o período da cheia.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza. A, C.2021.

Figura 15: Criação de galinha de moradores de Carapanatuba durante o período da cheia.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A, C.2021

Figura 16: casa de fogão de lenha no período das fortes cheias.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza.A.C.2020

Sobre a habitação do ribeirinho/pescador, Almeida Silva afirma:

A casa é um dos primeiros referenciais, como “marcador”, pois é a partir dela que passamos a perceber a exterioridade do mundo, o que evidencia como ponto de referência no mundo, como forma de habitação e proteção, de dar sentido ao mundo. A imagem da casa compõe a abstração imemorial e aproxima a junção entre memória e imaginação, lembrança e imagem. A memória da primeira moradia como referencial não nos abandona durante a vida, pois sempre retornamos a ela seja através das memórias ou lembranças agradáveis ou não, como sonho e devaneio, e obstinadamente está presente em nossa imaginação (ALMEIDA SILVA, 2010, p. 105-106).

Já no período da seca, a estrutura que suspende a casa, fica exposta, dando a noção de quão alta é para não correr o risco de ser alagada no período da subida do rio. Na **Figura 17** - Casa de palafita de pescador da comunidade, durante o período da seca, podemos observar a elevação das casas em relação ao solo firme, que fica visível durante o período da seca. Isso é símbolo de resistência dos moradores locais, frente as mudanças da natureza.

Figura 17. Casa de palafita de pescador da comunidade, durante o período da seca.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A, C.2022

As casas da comunidade não eram tão altas como na atualidade, mas com o aumento do volume das águas na cheia, muitos moradores foram obrigados a elevar o assoalho delas. Quando acontece as fortes cheias, e as casas daqueles moradores que ainda não possuem seus assoalhos elevados, são inundados pela as águas do rio Amazonas, mas os moradores não deixam as suas casas, eles não se sentem confortáveis em deixar sua morada para trás, e permanecem no lugar durante esse período. Eles fazem uma construção chamada de maromba, da qual fica submersa sobre o assoalho das suas casas, e dos seus animais e assim se mantem até a descida das águas, e é ali que eles passam a maior parte do seu tempo.

Os moradores constroem os seus espaços de morada o mais confortável possível para atender as suas necessidades. Antigamente as casas só possuíam um único cômodo para toda a família, mas com o tempo as estruturas foram se modificando e eles passaram a criar novos espaços dentro das casas, como é o caso das varandas que são utilizadas como um espaço de conversa com os vizinhos para tomar um café contemplando a paisagem. É um espaço onde podem colocar a sua rede para descanso, ou até mesmo para guardar pequenos utensílios, como observamos na Figura 17- Estrutura de varanda muito característico das casas de palafitas. A varanda atua como elemento de transição do interior para o exterior da casa, pois se torna uma janela de contemplação das coisas ao redor da casa por onde se constroem a leitura do tempo, observando a disputa dos pássaros por alimentos, as passadas de embarcações pelo rio e os banzeiro das águas do rio.

Figura 18: Estrutura de varanda muito característico das casas de palafitas.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A.C,2021

A casa se torna o lugar de mais vivência dos moradores da comunidade não só durante a seca, mas com maior frequência durante o período da cheia, devido não ter outros espaços para se deslocarem e caso isso aconteça, é preciso ter de uma embarcação. Dessa forma, a maioria das famílias se mantém dentro das suas casas durante a maior parte do tempo. Como pode ser observado na **Figura 19** - Moradora em sua embarcação do tipo canoa, ao lado de casa suspensa da criação de galinhas da moradora, abaixo, que usa uma pequena embacação para seus deslocamentos.

Figura 19: Moradora em sua embarcação do tipo canoa, ao lado de casa suspensa da criação de galinhas da moradora.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C. 2021

Em conversa com os pescadores, eles relatam as suas vivências dentro desse espaço no dia a dia, e que apesar das mudanças naturais, a sua casa se torna um lugar aconchegante e seguro. Isso se tomar a referência com outros lugares. Dona Surubim, por exemplo, relata que sente muita falta da dinâmica da sua vida ribeirinha quando está na cidade.

Eu só vou na cidade quando tem alguma coisa pra resolver, se não, eu fico aqui em casa mesmo, não tem lugar melhor do a casa da gente, né mana. Quando eu vou na cidade eu fico doida pra voltar logo, não consigo passar muito tempo, eu tô lá, mas minha cabeça tá aqui em casa, nas minhas coisas aqui e aqui a gente dorme a hora que quer, come o que tiver, faz as coisas do nosso jeito. Na minha casa eu me sinto segura, da chuva, temporal, de cobra, é nela que eu criei meus filhos, onde meus netos vem passar as férias. É aqui que eu tenho muitas lembranças da minha vida, então, pra mim, a minha casa é o lugar mais importante daqui, tem outros lugares que eu ando, mas a minha casa, é a minha casa. E na enchente então mana, é o tempo que eu fico mais nela, aproveito pra lavar toda ela, época boa da água, molho as plantas, e durmo que só (Risos). *Surubim*. Pescadora associada. Entrevista cedida em 16/12/ 2022.

Essa dinâmica de sair da comunidade para a cidade de Santarém é frequente pelos moradores, mas relatam que o mais rápido que eles puderem voltar para as suas casas,

melhor para eles, é saber que tem um lugar chamado casa para voltar, isso reflete o sentimento de pertencimento que os moradores de Carapanatuba têm pelo lugar onde vivem.

Quando questionado sobre alguma possibilidade de mudança da comunidade, de abandonar sua casa, muitos dos pescadores e pescadoras descartam essa possibilidade de sair do lugar.

eu nasci aqui na comunidade mesmo, minha vó era parteira, então eu nasci aqui em casa mesmo, mais um motivo pra eu não sair, e minha infância foi aqui, nunca sai daqui, assim, já fui na cidade né, mas não pra morar, eu nem me vejo longe daqui, aqui eu vivo bem, vou ali pesco um peixinho volto pra casa, deito na minha rede, pego um vento... aqui é muito bom, mana, não vive no estresse da cidade grande, né, e aqui é mora a minha família, minhas raízes, tudo o que eu sei daqui da comunidade, de pesca é deixado pelos meus parentes, antes de mim, eu gosto daqui, eu não me vejo saindo daqui não, aqui é o meu lugar mesmo. *Carauçu*. Pescador, 47 anos, entrevista cedida 09/04/2022.

A fala acima, remete ao que Marcelo Lopes de Souza nos diz que o lugar é um espaço dotado de significados e carga simbólica ao qual se associam imagens que muitas vezes são conflitantes entre si: o lugar de “boa fama” ou de “má fama”, hospitaleiro, perigoso. O Lugar é, em princípio, um espaço vivido: vivido, claro, pelo os que moram lá ou pelos que trabalham lá cotidianamente (SOUZA, 2018, pág. 36), é o que se assemelha na fala do entrevistado, de enxergar o seu lugar de vida, como um lugar bom, de se pertencer ao lugar, e de carregar a geração familiar nesse lugar.

Muitos dos pescadores enxergam a comunidade e as suas casas, particularmente seguros, em relação a questões de violências e furtos. Eles dizem que podem deixar as suas casas abertas durante o dia e sair sem preocupações, diferentemente da dinâmica de vivência de moradores dos grandes centros urbanos.

2.3 O espaço das embarcações

Abrimos esse subitem com a **Figura 20**- Desembargue de passageiros da comunidade de Carapanatuba, para ilustrar como acontece a dinâmica de transporte local.

Figura 20: Desembarque de passageiros na comunidade de Carapanatuba.



FONTE: acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2021.

O acesso às comunidades se dá somente através do meio fluvial, sendo que os moradores que não possuem embarcação própria, de grande porte como o barco ilustrado na figura acima, utilizam as embarcações, chamadas pela comunidade de “barco de linha”, que fazem viagem da comunidade até a cidade mais próxima que é Santarém. Essas embarcações trafegam todos os dias e tem duração de mais ou menos quatro horas de navegação. O valor, em 2022, era de trinta e cinco (R\$35,00) reais o trecho (passagem).

Esses “Barcos de Linhas”, que significa linha de viagem, que são os barcos de porte médio de moradores de comunidades vizinhas que fazem a rota pela comunidade de Carapanatuba e vão em direção a cidade de Santarém, todos os dias da semana.

Os moradores da comunidade fazem essa viagem no barco de linha pelo menos uma vez por mês em direção a cidade de Santarém para fazer o rancho⁷ da família. Os pescadores enviam suas mercadorias também através desses barcos, pagando um valor

⁷ Fazer compras de mantimentos para o consumo familiar mensal, produtos que não são produzidos diretamente por eles como açúcar, café, óleo, arroz, sal, produtos de limpeza, etc.

simbólico por cada encomenda enviada, sejam peixes para a comercialização ou para suprir as necessidades de seus parentes citadinos. **Figura 21** - Morador deixando sua encomenda no “barco de linha” e a **Figura 22** - Encomendas enviadas pela embarcação por parentes dos moradores de Carapanatuba, a **Figura 23** - Desembarque de produtos de passageiros da comunidade, abaixo ilustram o transporte de mercadorias nos denominados “barco de linha”.

Figura 21. Morador deixando sua encomenda no “barco de linha”.



FONTE: acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2022

Figura 22. Encomendas enviadas pela embarcação por parentes dos moradores de Carapanatuba.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2022.

Figura 23. Desembarque de produtos de passageiros da comunidade.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A. C.2022.

Durante a viagem nessas embarcações, os passageiros, e aqui em especial os pescadores e pescadoras de Carapanatuba, colocam, em dia, seus reencontros com seus conhecidos locais e de comunidades vizinhas. Esse espaço do “barco de linha”, se torna um espaço de socialização e que faz dele também um espaço de vivência da dinâmica dos moradores de Carapanatuba, e do qual é muito característico das vivências de sociedades ribeirinhas da Amazônia.

Dentro dos barcos, muitas das socializações acontecem dentro de redes de pano ou rede de descanso, pois elas substituem as poltronas de viagem. A rede é um elemento muito característico da Amazônia e muito usado pelos povos originários da região. O uso das redes deixa a viagem mais agradável para os passageiros, seja na contemplação da paisagem, nas conversas e até mesmo para tirar uma soneca. Cada passageiro fica responsável em levar a sua rede, mas o seu uso não é obrigatório, caso não possua, o passageiro pode sentar-se nas cadeiras oferecidas pelo dono da embarcação. A **Figura 24** - Passageiros fazendo o uso da rede no “Barco de Linha”, ilustra essa situação.

Figura 24. Passageiros fazendo o uso da rede no “Barco de Linha”.

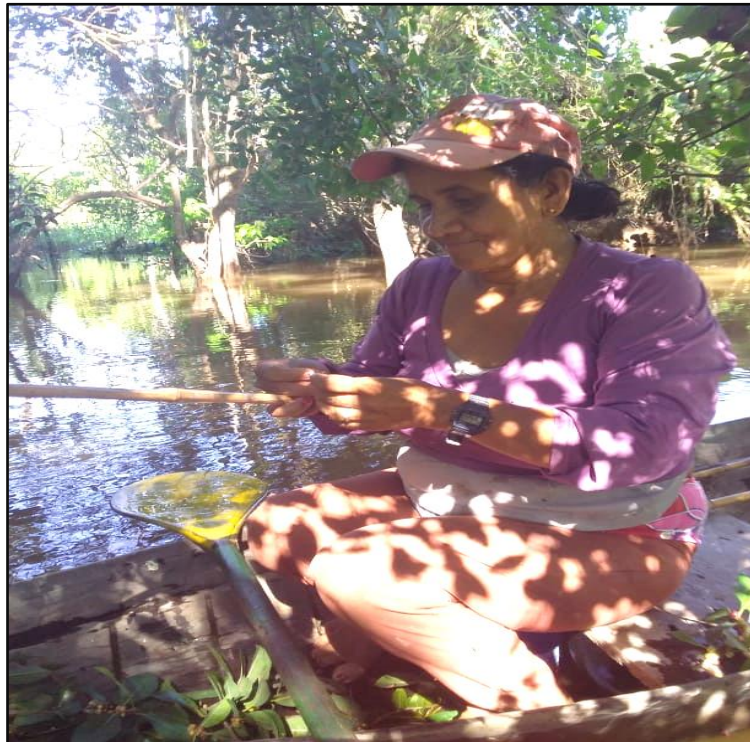


FONTE: acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2022.

A maioria dos moradores da comunidade, principalmente os pescadores, possui suas embarcações de pequeno porte com motor rabeta⁸, botes e canoas. Essas embarcações se tornam um espaço de vivência para eles, não só como a embarcação coletiva, como é o caso do barco de linha, onde eles podem socializar entre si e com os demais, mas o seu bote de pesca, por exemplo, se torna um ambiente de vivência, uma vivência individual. Observa-se essa condição na **Figura 25** - Pescadora em seu momento de pescaria fazendo uso individual de seu bote de pesca, ilustrada abaixo.

⁸ É um motor que fica acoplado ao casco do barco, ou pequenos botes, ocupando menos espaço.

Figura 25. Pescadora em seu momento de pescaria fazendo uso individual de seu bote de pesca.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2021

O uso individual da embarcação além de dar mais autonomia para o pescador, possibilita explorar os diversos espaços ao redor da comunidade na hora da atividade, facilitando a captura dos peixes devido as espécies se espalharem pelas diversas áreas. Desse modo, o espaço da embarcação também se torna um lugar de vivência cotidiana dos pescadores, onde eles fortalecem seus saberes individuais e também coletivos.

As pequenas embarcações não só utilizadas para a execução da atividade pesqueira, mas também um transporte utilizado para o lazer local dos moradores. Vamos fazer um comparativo dos transportes das grandes cidades, com os dos ribeirinhos da Amazônia. Nas cidades é feito o uso de ônibus como coletivo e na área ribeirinha são os “barcos de linha”. Na cidade, predomina a dinâmica do uso individual de carros e motos, já nas áreas de rios fazem o uso das embarcações com motor rabeta. O uso da bicicleta se assemelha ao uso as canoas a remo pelos moradores locais. Esses exemplos, distinguem as experiências vividas pelos seres humanos, e que demonstram as diversas formas de socialização.

Figura 26. Pescadores em embarcação canoa a remo.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C.2020.

Quase todos os moradores da comunidade possuem uma embarcação de menor porte, haja vista, que é um meio de transporte fluvial que dá a movimentação local das socializações individuais e coletivas na comunidade e utilizada, principalmente, no período da cheia das águas, seja utilizada para o lazer ou para o trabalho.

Figura 27: Pescador local utilizando embarcação com motor rabeta.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza, A.C. 2021

2.4. O espaço do rio

Esse rio é minha rua, minha e tua ,mururé⁹. Piso no peito da lua, deito no chão da Maré. Musica “ este rio é minha rua”, de Fafá de Belém. 2014.

Abrimos este tópico trazendo a estrofe da música de Fafá de Belém, pois faz muita referência ao que o rio é considerado por muitos ribeirinhos da Amazônia como uma “rua”, devido ser a principal via de acesso aos outros lugares. No entanto, o rio simboliza muito mais que uma porta de entrada e de saída. Cruz (2007) apresenta o rio como “espaço de referência identitária” na Amazônia, pois o rio é um “espaço físico natural”, uma vez que é fonte subsistência e de contemplação diária dos que vivem as suas margens.

Na comunidade de Carapanatuba, muitos moradores tiram o seu alimento do rio, e também adquirem seus recursos financeiros por meio da pesca. O rio contribui para o ritmo social ligado a temporalidade destas populações.

O rio é o lócus da vida, como afirmou Santos e Almeida (2009, p. 05):

O rio é o elemento fundante das espacialidades na vida ribeirinha. Ele é fonte de sobrevivência. Dele os ribeirinhos retiram o principal alimento. O pescado pode ser comercializado ou utilizado na troca de mercadorias de primeira necessidade. A plantação (roçado) e criação de animais são atividades econômicas secundárias.

O rio se torna a principal referência identitária de quem mora nas suas margens, pois estão conectados diariamente, construindo os seus modos de vida, suas experiências, seus saberes, suas crenças e seus mitos. O rio é um espaço vivido por esses sujeitos.

Em Carapanatuba, percebemos a dependência dos moradores com o rio, e isso faz com que criem laços afetivos. Os moradores e os pescadores locais carregam um sentimento de gratidão ao rio, pois este está presente de diferentes maneira em suas vidas, seja como o lugar onde exercem a atividade pesqueira, seja como lugar onde lavam suas roupas, retiram dali água para beber, molham suas plantações, tomam banho, criam seus animais. É dali que tiram a sua subsistência. Percebe-se então, que o rio é um elemento bastante presente na vida dos moradores da comunidade. Esses laços com o rio pode ser observado com a manifestação de Carauçu:

Eu fui criado aqui, na beira do rio,é muito bom viver perto do rio, por que aqui não tem água encanada, né,ai pra quem mora na beira do rio é

⁹ Planta aquática, muito característico da Amazônia, encontradas em lagos e rios.

mais fácil pra carregar. Antigamente na minha adolescência eu gostava muito de pular na água com meus irmãos, quase todo dia, agora nem tanto, só tomo banho mesmo[...]pois é, esse rio tem muito significado pra nós, e o nosso medo é dele secar, por que cada ano que passa o volume de água dele fica mais raso. *Carauçu*, pescador associado. Entrevista cedida no dia 09/04/2022.

O rio, na fala do entrevistado, remete a boas memórias, quando destaca que pulava na água na sua adolescência com seus irmãos, que reflete o gostar do lugar e de uma boa lembrança das brincadeiras de criança. As brincadeiras são muito características dos ribeirinhos da Amazônia. Durante as pesquisas de campo foi perceptível esse costume das crianças brincarem no rio, como ilustrado na **Figura 28**, a seguir.

Figura 28. Crianças brincando de pular na água no rio Aritapera.



FONTE : Acervo da pesquisadora. Souza. A.C. 2022.

Além disso posto, destacam a facilidade de quem mora as margens do rio para o acesso a água. Muitos moradores de Carapanatuba, que moram mais afastados do rio, passaram grandes dificuldades para ter acesso a água, pois tinham que carregar latas d'água na cabeça, mas hoje já possuem motor de bomba de água. Sobre essa situação o pescador Curimatá afirma:

Eu moro só, lá trás, a mamãe e o papai moravam lá antes, e foi por causa da água que eles se mudaram pra cá pra beira, que era muito ruim pra pegar água, daí eu fiquei lá, e como é só eu, não faz tanto gasto de água, mas acho que foi em 2008 que a gente fez um empréstimo e conseguiu comprar o motor e a bomba pra puxar água. Curimatá, pescador associado. Entrevista cedida em 10/04/2022.

Ao longo dos anos, acredita-se que o rio Aritapera vem passando por um processo de assoreamento. O rio está ficando soterrado. No período da seca o seu volume de água está cada vez menor, impedindo as viagens de barco até Santarém. O deslocamento tem sido, geralmente, por meio de embarcações de pequeno porte. Os moradores precisam, em alguns casos, comprar água mineral porque a água fica bastante suja e também comprar mais metragem de bomba de água para conseguirem ter acesso ao líquido.

Esse é um dos maiores medos dos moradores da comunidade, porque o rio é muito simbólico e significativo na vida desses sujeitos. As **Figuras 29** - Rio Aritapera no período da Vazante das águas, **Figura 30**- Rio Aritapera passando por um processo de forte seca no ano de 2022, abaixo ajudam a situar o leitor sobre o fenômeno da seca/vazante do rio na comunidade Carapanatuba.

Figura 29: Rio Aritapera no período da Vazante das águas.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A, C. 2022

Figura 30. Rio Aritapera passando por um processo de forte seca no ano de 2022.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza,A.C.2022.

Demonstramos ao longo do texto que os pescadores de Carapanatuba e suas famílias têm um elo muito significativo com o rio, e isso se apresenta nas mais diversas atividades.

Mas na atividade pesqueira cotidiana, o rio, ajuda a pontencializar a relação com o sujeito pescador, de estar ali diariamente, de fazer com que o pescador já consiga identificar qual o melhor momento da pescaria em determinada área desse rio, de que forma a força do vento vai de encontro as água do rio e de como isso pode afetar sua técnica de pescaria, contribuindo assim na melhor execução da atividade pesqueira, o cotidiano desses sujeitos nessa atividade se constroem em função desse rio, da dinamica diaria deles com esse espaço.

Figura 31. Criança da comunidade fazendo uso do rio para tomar banho.



FONTE : acervo da pesquisadora, Souza.A,C.2019.

Desse modo, podemos considerar que existe uma interdependência dos pescadores locais com o rio, tanto na pesca como em outros meios já visto no decorrer do texto. O rio é que influencia diretamente a vida desses sujeitos. Na dinâmica de produção e de estadia, se vão poder passar todo o período das fortes cheias na sua morada, o se vão criar estratégias de sobrevivência para esse período, que tipo de plantações esses vão poder cultivar em determinado período antes da enchente inundar os terrenos, até que certo ponto e período do ano eles vão poder fazer o uso de determinadas embarcações, tem influência até nos tipos de peixes que eles vão poder encontrar em um certo período. Verifica-se assim, que os pescadores locais são sujeitos que dominam o rio e que ao mesmo tempo são dominados por eles. Assim, se tornam sujeitos que respeitam o rio e as suas dinâmica natural que organiza o espaço vivido destes pescadores, e que ele é um elemento importante na construção de relações identitárias desses sujeitos.

CAPÍTULO 03

FORTALECENDO O “SER PESCADOR”: AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LOCAIS QUE REFORÇAM A TRADIÇÃO PESQUEIRA

Neste capítulo, debateremos acerca das manifestações sociais e culturais com a participação ativa dos pescadores de Carapanatuba, manifestações essas que buscam contribuir para o fortalecimento tanto do coletivo como do individual na atividade pesqueira da comunidade. Antes, porém, de conhecermos as festas tradicionais, consideramos importante trazer, de caráter introdutório e brevemente, a importância das manifestações culturais para o fortalecimento das tradições. E, na sequência, apresentamos discussões sobre memória e identidade.

É do conhecimento de muitos que as manifestações culturais são as expressões de um povo, de seus rituais e celebrações e que se re(constroem) em um determinado lugar ao longo da história. O Brasil é um dos países com maior diversidade cultural do mundo, e que se expressam nas distintas regiões do território e de diversas formas.

Essas manifestações são extremamente importantes para a demonstração de uma identidade cultural local para a preservação de raízes originárias de um povo, que a partir daí, passa a se reconhecer enquanto uma nação, uma sociedade. Os eventos festivos são momentos de reunião realizados por diferentes motivos, nos quais a “sociedade se faz”, sente sua existência enquanto tal e é por meio dessa ação comum que a vida coletiva se firma, se refaz e se atualiza. (DURKEIM,1912).

García Canclini (1983, p. 54) afirma que:

“[...] as festas camponesas, de raízes indígenas, coloniais, e ainda as festas religiosas de origem recente são movimentos de unificação comunitária para celebrar acontecimentos ou crenças surgidos da sua experiência cotidiana com a natureza e com os outros homens (quando nascem da iniciativa popular) ou impostos (pela Igreja ou pelo poder cultural) para comandar as representações materiais de vida.

As festas são manifestações importantes que podem ser vistas como uma sintetização de um todo das vivências em comunidade, seja na sua organização econômica, nas suas estruturas culturais, ou nas suas relações políticas comunitárias.

O termo cultura se fez muito presente no nosso trabalho, tanto é que introduzimos falando sobre sua importância para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido citamos Claval (2001) que destaca a cultura como sendo um conjunto de técnicas, elementos e significados, que são passadas de geração para geração.

Assim, vemos que a Cultura, é o um elemento importante para a construção de uma identidade, uma vez que atua a partir de uma vasta herança histórica, capaz de influenciar diretamente o modo de vida e de ver o mundo, pois é construída através de diálogos no dia a dia seja sobre o presente ou sobre o passado.

3.1. Memória e a Construção de identidades.

Observamos durante toda a pesquisa que a memória foi um elemento bastante relevante na construção das narrativas dos nossos entrevistados, pois trabalhamos com a oralidade, e a memória foi uma fonte importante para essa aquisição de informações e para a análise de uma construção identitária, pois “Quando valorizado nas falas contidas nas narrativas, o conjunto de conteúdos expressos como fator decisivo para as análises aponta para questões relativas à memória como caminhos indicativos dos exames sociais” (MEIHY, 2005, p.61).

A memória pode revelar as vivências contidas em um passado de um determinado lugar e dos sujeitos. E muitos foram as memórias deixadas nas narrativas dos pescadores de Carapanatuba, principalmente no quesito da “pesca ancestral”. Esta, remete à capacidade de recordar experiências outrora vivenciadas, e pode ser desencadeada através da interação social, ou do contato com objetos ou situações que refletem as experiências vividas. Quando compartilhada dentro de um grupo, a memória pode contribuir para a construção ou fortalecimento de uma identidade pessoal e/ou coletiva

As vivências são construídas dentro de um espaço, e a partir daí vão se construindo as identidades. As experiências com os elementos do espaço e com os grupos de convívio proporcionam o contato com o passado, e também a construção de identidades e a apropriação, construção e organização do espaço (TORRES, 2009). As identidades associam-se ao espaço, pois se baseiam nas lembranças divididas, nos lugares percorridos, nos monumentos que retratam os grandes momentos do passado (CLAVAL, 1997, p.107).

A relação com as histórias de vida de outras pessoas do mesmo convívio social, o compartilhamento de fatos e os fenômenos que acontecem no coletivo são experiências que fazem do espaço e do tempo meios importante para a construção da identidade. Vimos em muitas narrativas no decorrer desta dissertação o quanto a memória é essencial para a desenvolvimento da identidade de um grupo, mesmo que, em muitos momentos serem relatadas individualmente, nunca se desprendem da identidade coletiva dos pescadores de Carapanatuba.

Assim podemos dizer que memória e identidade são indissociáveis, articulam-se enquanto universos significativos de uma realidade e de uma vida social. De acordo com Cruz (2007), a identidade é uma construção histórica e relacional das acepções sociais e culturais que levam a identificação ou distinção de um sujeito ou de um grupo. Logo, a identidade só pode ser entendida através de relações com os outros.

De acordo com Castells (1999, p. 22), compreende-se por identidade “[...] um processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados [...]”. Desta forma, a identidade pode ser entendida como fonte de significado e experiência de um grupo social.

No entanto, a identidade não pode ser pensada de uma forma única. Se dá através das relações, mas cada indivíduo carrega a sua particularidade e que está em constante transformação, como que Hall (1997) denomina de o “eu real”, ou seja, a relação do meu individual com os outros. Cruz (2007, p. 16) destaca que a identidade “[...] é dinâmica, múltipla, aberta e contingente”, fato que remete diretamente a características – presentes no ser humano – que estão em constante transformação.

3.2. Manifestações Culturais locais que contribuem para o fortalecimento da atividade Pesqueira.

Existem três manifestações culturais dos quais participam os pescadores de Carapanatuba. A festividade de Santa Luzia, que é a padroeira da comunidade. A festividade de São Pedro, que é considerado o padroeiro dos pescadores e que acontece na cidade de Santarém, mas com a participação ativa dos pescadores do município. O Festival folclórico do Aritapera, que é um evento que reúne várias comunidades, com a finalidade de manter a tradição de encontro comunitários na região.

As pesquisas de campo se tornam fundamentais para a coleta das informações, e para contemplar de perto todos os movimentos e práticas locais que fortalecem e reconhecem o “ser pescador”. No entanto, é ciente que, durante o período pandêmico vários espaços foram fechados e eventos foram cancelados, para evitar as aglomerações e diminuir a contaminação do público por covid-19. Dessa forma, durante os anos de 2020, 2021 e 2022, esses eventos foram cancelados, principalmente dentro da comunidade, haja vista que a maioria da população é idosa.

Muitos dos acessos na comunidade, durante o período pandêmico, era feito dentro das medidas protetivas contra o vírus. Assim, foi o nosso caso, para que fosse possível a realização da pesquisa. Mesmo considerando essas dificuldades, iremos trazer aqui todas as informações acerca das manifestações a partir dos relatos dos pescadores, dos acervos de imagens e de leitura da pesquisadora.

3.2.1. A festividade de Santa Luzia em Carapanatuba.

Na comunidade de Carapanatuba, ainda se mantém a tradição religiosa e devoção a Santa Luzia, desde 05 de dezembro de 1990 quando a imagem de Santa Luzia foi recebida por uma procissão luminosa, em que foi doada por uma senhora de nome Joana Bentes, tendo a presença do vigário Padre Gonzaga. Mas todos os anos, a partir de então, passou-se a celebrar as festividades de Santa Luzia no dia 13 de dezembro, que é o dia nacionalmente dedicado a santa.

A festa religiosa é conjugada com a dançante, denominada de arraial, principal responsável pela arrecadação de fundos que subsidiem as despesas da festa e na arrecadação de algum dinheiro para a Igreja. A festa dançante, como é chamada, não deixa de ser um atrativo principal dos visitantes durante esse período festivo. A comunidade tem como tradição fazer uma semana de festa, sempre tendo o dia 13 de dezembro que é o dia de Santa Luzia como principal da semana.

Assim, cada setor da festa fica sob responsabilidade de um grupo específico da comunidade. Por exemplo, a ornamentação da praça e da Igreja fica com os jovens, o bar com os clubes de futebol, a barraca de lanches (doces e salgados) fica com o grupo de mulheres artesãs de cuias da comunidade e a associação dos pescadores e pescadoras fica

responsável pela venda das refeições mais pesadas. Porém, alguns anos, os grupos mudam de organização de setor, mas sempre estão na comissão de frente do evento.

Nas refeições, que ficam sobre responsabilidade da associação de pescadores, são comercializados produtos alimentícios com base em peixes, seja assado, frito, recheado, na farofa de peixe, no bolinho de piracuí¹⁰, na caldeirada que é a refeição mais consumida pelos visitantes, devido acreditarem que “dá mais gás” para continuar na festa. Além das receitas com peixes, são feitas também alimentos com galinha caipira, carne de boi, entre outros.

Os visitantes da festa, em sua grande maioria, são da cidade de Santarém, que vão conhecer o lugar e o evento por indicação de algum “filho da terra”, além de outros visitantes que são moradores de comunidades vizinhas e dos interiores de outros municípios próximos, como Alenquer e Curuá.

Na semana de festividades em Carapanatuba, nas comemorações à Santa Luzia, a parte religiosa acontece mais no período noturno. Cada noite de celebração à Santa Luzia, também fica na responsabilidade dos grupos já citados, a divisão de tarefas.

Assim, uma noite de culto fica sobre responsabilidade da associação de pescadores da comunidade, em que organizam a liturgia do dia, dando ênfase aos discípulos pescadores de Cristo, Pedro, André e Thiago nas leituras, para ressaltar a importância constante da vida de pescadores na história das sociedades humanas, seja no contexto sagrado ou não.

Em conversa com um dos nossos entrevistados, quando questionado como percebe a relevância dos pescadores durante o evento, destacou essa importância da noite dos pescadores durante a festa, vendo como um momento de união para além de discussões de acertos pesqueiros. Assim, afirmou:

Esse momento é muito importante pra nós, e já é tradição aqui na comunidade, os pescadores não ficam de fora. A gente se sente importante em fazer parte disso, e a gente sempre leva as histórias dos pescadores desde o tempo de Jesus, né, e ele não excluía nem um deles, e muitas vezes tem gente que olha, assim, pra gente com jeito de ser maior, né. O pescador foi tão importante na época de cristo, como é no dia de hoje, né. [...]. E esses momentos que a gente une mesmo, o grupo quer dar o seu melhor, daí a gente organiza *tudinho*, as músicas, a leitura tudo voltado pra nós pescadores, isso empolga a gente, né, e mostra que a gente também é importante. Se Deus quiser no outro ano, a gente vai voltar tudo de novo. *Carauçu*. Pescador Associado. Entrevista cedida dia 09/04/2022.

¹⁰ Farinha de peixe, que é fabricada com carne de peixe do tipo acari e tamuatá.

A fala do pescador demonstra o quanto a participação deles no evento se torna essencial, para até mesmo combater certos preconceitos, pois são tratados por alguns como inferiores e os tratam com menosprezo. Sobre a participação dos pescadores na festividade religiosa, Carauçu afirma:

A gente leva na hora do ofertório (momento da oferenda durante o culto), as nossas ferramentas da pescaria, a malhadeira, tarrafa, o remo, as sementes dos frutos e o peixe, as vezes é assado e uma vez já levaram ele vivo, que é pra representar a nossa profissão né, por eu acho que ser pescador é uma profissão. [...] Antigamente a gente fazia peça de teatro na noite dos pescadores, mas com o tempo isso foi se perdendo, acho que faz mais de cinco anos que a gente não faz, as vezes a gente tem medo de isso ir se perdendo, né, com o passar dos anos, a gente luta pra que não, mas os jovens de hoje não querem mais seguir na profissão, tem poucos jovens que pescam aqui. *Carauçu*. Pescador associado. Entrevista cedida dia 09/04/2022.

Um dos motivos pelo qual os eventos culturais são importantes, é justamente fazer valorização de uma cultura local a não levar a perda de uma tradição, que é um dos pontos levantados pelo entrevistado. O medo da não perpetuação de uma tradição cultural local pela nova geração e a manutenção dessas tradições vêm como forma de resistência à uma possível perda de uma essência cultural local.

A festividade de Santa Luzia se tornou um evento marcante na comunidade e na vida dos pescadores, uma vez que envolve diretamente todo o coletivo em prol de um bem comum. Compreende-se assim, que estão interligadas, de modo que, a atividade da pesca é um elemento importante para a arrecadação de recursos econômicos para comunidade. Essa manifestação cultural local, contribui para o fortalecimento da construção de uma identidade tanto dentro da perspectiva do “ser ribeirinho “ou do “ser pescador”. Trata-se de uma experiência cultural mutuamente ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada a multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento. (Costa, 2006. pág. 83).

A festa de Santa Luzia, serve como um fator de intervenção entre a cultura e a ação, entre a representação social da tradição e a representação de si próprio, no caso, o pescador, fazendo com que a produção da identidade tanto do seu interior quanto a coletiva se cruzem e se misturem na dinâmica da manifestação cultural festiva. Além de que, essa festa reforça as redes de sociabilidade entre os moradores de Carapanatuba, se

tornando um canal de troca de comunicação entre os mesmos e os demais participantes do evento.

3.2.2. A festividade de São Pedro

A história da festividade de São Pedro começou por volta de 1920, quando os pescadores artesanais começaram a se organizar por meio de suas colônias de pescadores, de base na escala local, das federações na estadual; e a confederação, na nacional. Essa última por intervenção da Marinha Brasileira. Essa organização se deu pela orientação do Estado que tinha a finalidade de manter os pescadores sob a sua coordenação, devido, inicialmente tinha de comando uma entidade assistencialista, administrativa e militar. (KALIKOSKI et al., 2009; SILVA, 1991). Uma coordenação articulada por empresários, deputados e militares em que visavam apenas o controle da classe dos pescadores com objetivos de beneficiamento particular, deixando os pescadores verdadeiramente “a ver navios”.

Na década de 1960, os pescadores começaram um processo organizativo, por meio do Conselho de Pastoral dos Pescadores (CPP), fundado em Pernambuco, com a finalidade capacitar e ajudar na organização dos pescadores artesanais. Esse fato proporcionou uma mudança na organização política da classe, que até então estavam sob o domínio dos militares e empresários. Essas mudanças começaram pelas regiões do Norte e Nordeste e foram se fortalecendo na luta não apenas na construção da identidade política da categoria, mas disseminou-se como movimento contra a ditadura militar. A presença do CPP, do Movimento de Educação de Base – MEB e da Federação dos Órgãos de Assistência Social e Educacional – FASE foram essenciais para o êxito no processo de conquista das colônias pelos pescadores. (LEROY, 1988).

Em 2005, o Brasil possuía aproximadamente 1.000 Colônias de Pescadores e no estado do Pará são 65 colônias de pescadores ligadas à Federação dos Pescadores do Estado do Pará (FEPA) e ao Movimento dos Pescadores do Estado do Pará (MOPEPA). Na escala nacional a relação é feita com a Confederação dos Pescadores do Brasil. (SANTOS, 2005). Em março de 1920, foi fundada, em Santarém, a Colônia de Pescadores Z-20, pelo cruzador Frederico Vilar. (LEROY, 1988).

Na década de 1980, os pescadores, motivados pelo processo de conquista do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR, pelos agricultores familiares, iniciaram vivência a um processo sistemático de formação para conquista da colônia, que até então estava sob a coordenação dos empresários e comerciantes locais. Essa ação ocorreu tendo um elemento religioso-institucional e educativo: foi acompanhado por organizações eclesiais ligados à Igreja Católica, como “[...] a organização da base a partir das comunidades que permitiu a criação de uma corrente intercomunitária e a mobilização da categoria em torno de lutas”. (GAMA, 2016, p.114-115).

Alicerçados pelos fundamentos da Igreja e das entidades que os apoiavam, os pescadores concorreram a eleição da entidade e foram vitoriosos, pois, despertaram para a compreensão de que a colônia era uma “[...] ferramenta importante para a organização da base da categoria, garantindo, dessa forma, a defesa permanente dos legítimos direitos e interesses[...]”. (GAMA, 2016, p.116).

A princípio, a principal finalidade dos pescadores foi a conquista da direção da colônia. No entanto, para Leroy (1988), o pano de fundo desta luta era garantir a recuperação da “identidade coletiva dos pescadores”, ajudando na autoafirmação da classe como uma importante atividade econômica e “como cidadãos politicamente questionadores de ordem social imposta localmente pelas classes dominantes”. (LEROY, 1988, p. 38).

O Jornal informativo de 1982, “O leme informativo”, publicou na época as reivindicações dos pescadores e destacavam a presença importante de São Pedro na luta pela conquista da colônia dos pescadores. As matérias completas podem ser observadas nas seguintes **Figuras 32**- Recorte jornal “O Leme informativo” de 1982; **Figura 33** - Recorte do Jornal “O Leme informativo” de 1982 a e **Figura 34** - Recorte do Jornal “O Leme informativo” de 1982b) abaixo:

Figura 32: Recorte jornal "O Leme informativo" de 1982.

29 DE JUNHO DE 1982
O DESPERTAR DOS PESCADORES

EDIÇÃO EXTRA

O LEME

INFORMATIVO NACIONAL

Pescadores Rumando para Novas Águas

ANO X - Nº 73 - julho de 1982

SÃO PEDRO PRESO EM SANTARÉM



PESCADORES SANTARENOS COM A FORÇA DA UNIÃO, LIBERTAM SEU PADROEIRO E FAZEM SUA PROCISSÃO.

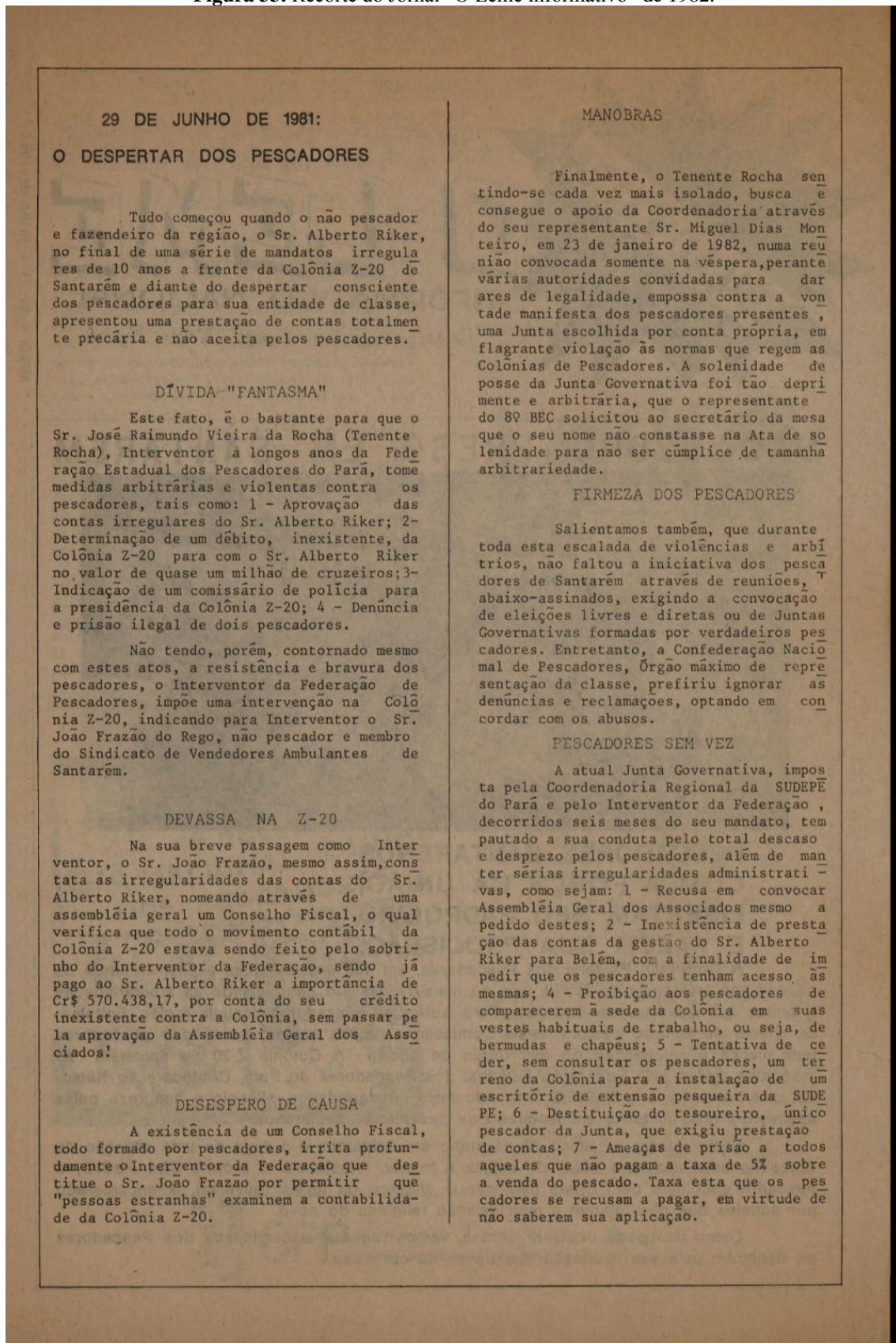
A Comissão Pastoral dos Pescadores, em sua missão cristã e pastoral entre os pescadores artesanais do Brasil, vem há mais de um ano denunciando as arbitrariedades gritantes que ocorrem em Santarém, Pará, sobre os pescadores daquela região. Entretanto, apesar do esforço pastoral desta Comissão e da luta sempre acesa dos pescadores pela justiça e valorização do seu órgão de classe - A Colônia Z-20 de Santarém - as respostas dadas pela Federação Estadual dos Pescadores do Pará, Confederação Nacional dos Pescadores e SUDEPE, tem sido mais arbitrariedades, silêncio e desprezo pelas aspirações mais justas e elementares dos pescadores santarenos.

Neste quadro, o último 29 de junho em Santarém, é o auge de uma situação de opressão cada vez mais difícil de admitir e tolerar. Neste dia, o próprio São Pedro, o pescador escolhido pelo Cristo para ser o alicerce da Igreja Universal, é encarcerado por aqueles que não toleram a manifestação religiosa do povo.

Como isto pode ocorrer? Antes, vamos recordar a caminhada dos Pescadores de Santarém pela sua libertação das trevas da opressão.

FONTE: acervo Sapopema, 2018.

Figura 33. Recorte do Jornal "O Leme informativo" de 1982.



FONTE: Acervo Sapopema, 2018.

Figura 34. Recorte do Jornal "O Leme informativo" de 1982.

GOTA D'ÁGUA

O cúmulo, porém, da atuação desastrosa da atual Junta Governativa, quando na véspera do dia do Padroeiro dos Pescadores do Brasil - o São Pedro - o Sr. Manoel Moraes, presidente da Junta, por motivo de uma "insatisfação reinante entre grande número de pescadores e considerando não haver clima propício a uma festa religiosa", em suas próprias palavras, cancela a procissão fluvial de São Pedro, do dia 29 de junho.

TIRO PELA CULATRA

O cancelamento da procissão frustrou a devoção religiosa dos pescadores e da população de Santarém. No dia 29 de junho, ainda surpresos com a proibição arbitrária do presidente da Junta, os pescadores encontraram fechadas as portas de sua Colônia. Mais surpresos ainda ficaram quando tomaram conhecimento que a própria imagem de São Pedro estava encarcerada em um quarto da Colônia. Os 400 pescadores então reunidos em assembleia, resolveram realizar a procissão e libertar o São Pedro do seu novo cativeiro. Pacificamente, sem abusos e alvoroços, o santo sai do seu cárcere privado das mãos firmes dos pescadores.



PESCADORES LEVAM O SEU
PADROEIRO DA COLÔNIA Z-20
À CATEDRAL

A procissão que se seguiu foi uma das mais devotas, calmas e ordeiras já vistas em Santarém. Durante todo o trajeto, na mais perfeita paz, os fiéis externaram apenas a sua devoção. Não se viu uma faixa de protesto, ataque ou difamação pessoal a quem quer que seja.

Na missa celebrada no final da procissão, o padre muito oportunamente lembrou que, após 20 séculos da prisão e libertação de São Pedro, a história voltava a se repetir em 29 de junho de 1982 em Santarém. Felizmente a justiça e a verdade saíam novamente vitoriosas.



ASPECTO DA PROCISSÃO FLUVIAL
DE SÃO PEDRO EM SANTARÉM

FIM DA PICADA

Perguntamos: até quando continuará toda esta situação? O poder desmedido entregue a uma Junta Governativa não escolhida e não aceita pelos pescadores, não distingue mais os limites de sua competência. Agora, proíbe-se até mesmo a tradição religiosa de uma festa de Padroeiro e a devoção popular. A Lei maior do país, a Constituição Federal, que assegura a liberdade de manifestação religiosa é desrespeitada. O presidente da Junta, agora, investe-se de autoridade religiosa ou pública para não permitir uma demonstração tradicional de fé popular. Até onde iremos chegar?

Às autoridades, alertamos mais uma vez sobre a continuidade de tais fatos tão repulsivos e pelas consequências futuras. Aos pescadores, agricultores e comunidades de Santarém, confirmamos a nossa solidariedade e apoio no caminho da libertação de todas as opressões. A todos, enfim, lembramos sempre que assumimos um compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo de não calarmos quando a verdade e a justiça estão ameaçadas.

Perseverança! A vitória ainda será e virá dos justos.

Depois da conquista da criação da colônia, com gerenciamento dos pescadores, muitos desses pescadores mais antigos acreditam que São Pedro tenha operado um milagre em benefício deles e favoreceu a sua criação e libertação dos pescadores da coordenação dos empresários e militares. Desde então, o dia 29 de junho, ficou marcado duplicadamente para as comemorações do santo dos pescadores – para homenagear o santo – e para relembrar as suas trajetórias de lutas.

Atualmente, junho de 2023, a colônia tem 102 anos de (r)existência, sendo coordenada por pescadores de diversas comunidades do município, que se organizam juntamente com o governo municipal e estadual para atender as demandas de benefícios, como seguro defeso¹¹ para os pescadores, questões ambientais e culturais em favor dos pescadores e da sociedade em geral.

A festa de São Pedro acontece na cidade de Santarém, e esse é o momento em que são reunidos os pescadores das mais diversas comunidades do município, entre eles, os de Carapanatuba. Esse é o momento que têm para festejar o santo e reafirmar a importância da atividade pesqueira na região.

No dia 29, é feita, durante a parte da manhã, uma assembleia geral dos pescadores para a prestação de contas do coletivo. A **Figura 35** - Assembleia geral da colônia de pescadores da Z-20 em Santarém, retrata essa reunião.

¹¹ É um benefício concedido ao pescador profissional artesanal durante o período de defeso ou desova de determinadas espécies, afim de que o pescador não capture e preserve a espécie. E é assegurado pela lei nº 10.779 de 25 de novembro de 2003.

Figura 35: Assembleia geral da colônia de pescadores da Z-20 em Santarém.



FONTE: acervo da pesquisadora, Souza.A.C.2019

No final do dia é realizada a procissão fluvial de São Pedro. Os pescadores se reúnem em embarcações de grande, médio e pequeno porte que são enfeitadas para prestigiar o padroeiro. A **Figura 36** - Procissão Fluvial em homenagem a São Pedro em Santarém, a **Figura 37** - Embarcações enfeitadas em procissão homenageando São Pedro e a **Figura 38** - Concentração de Barcos para a procissão de São Pedro, ilustram esse evento.

Figura 36. Procissão Fluvial em homenagem a São Pedro em Santarém.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza A.C.2019.

Figura 37. Embarcações enfeitadas em procissão homenageando São Pedro.



FONTE: Acervo da pesquisadora, Souza, A.C. 2019.

Figura 38. Concentração de Barcos para a procissão de São Pedro.



FONTE: acervo do site Sapopema, 2022.

Durante a noite é realizada a grande rifa do Pedrão com valiosos prêmios. Esse é o momento mais esperado pelos pescadores devido às premiações serem valiosas e que contemplam a atividade pesqueira. Os prêmios vão desde valores em dinheiro até cesta básica. Canoas, motores rabeta, apetrechos de pesca (Malhadeiras, caniços, anzol, etc),

remos, colete salva vidas, tudo o que pode auxiliar os pecadores durante as suas atividades cotidianas estão entre os prêmios. O que mais desejam são os motores, como relata o nosso entrevistado *Pacú*, quando questionado o que ganhou ou qual prêmio gostaria de ganhar.

Rapaz, eu prefiro ganhar o motor rabeta, por que eu sei que se eu ganhar o dinheiro eu gasto logo, e o motor também é caro pra gente tá comprando assim.[...]no último ano que teve eu ganhei por sorte, que eu não sou de ganhar, um remo, mas eu queria o motor, que é mais ligeiro, (risos). Pacú, pescador associado. Entrevista cedida em 18 de dezembro de 2022.

A Rifa do Pedrão acontece com ajuda de patrocinadores locais da cidade, pois muitos deles são empresários do ramo de lojas de pescaria, donos de supermercado, políticos e devotos de São Pedro que buscam pagar alguma promessa fazendo doações ao prêmio da rifa. A Tradição da festa do São Pedro é realizada juntamente com a prefeitura de Santarém, que faz o chamamento da participação da sociedade em geral para a valorização da cultura pesqueira no município.

A Festa de São Pedro é vista como promissora pelos pescadores, e influencia na dinâmica de vidas desses sujeitos, de modo que são influenciados a migrarem de suas casas, da rotina do seu dia a dia, e participarem de um evento que está totalmente voltado para a sua categoria. Nela, fazem os festejos e se reconhecem numa comunidade de pescadores.

É uma manifestação que aparece como importante celebração na vida dos pescadores do município de Santarém. A festa remete todo um passado de luta para o reconhecimento e organização de uma categoria, sendo extremamente importante para as relações na sociedade.

A relação dos pescadores com o São Pedro é, sobretudo, um ato religioso de professar a gratidão, de respeito e amor ao santo que os protege cotidianamente na saúde e no trabalho árduo de ser pescador, de vários dias de sol, ventania, chuvas, noites frias e a sós, longe de casa e da família.

3.2.3. O Festival Folclórico do Aritapera.

O festival folclórico do Aritapera é bastante recente, pois foi criado no ano de 2019. A ideia surgiu das lideranças da Escola Santíssima Trindade, escola essa que atende três comunidades da região, inclusive os alunos vindos de Carapanatuba. O Projeto Festival Folclórico foi criado com a finalidade manter viva a tradição das atividades culturais locais. Esse festival envolve apenas quatro comunidades da região: Enseada do Aritapera, Centro do Aritapera, Carapanatuba e Água Preta.

O evento engloba as mais diversas atividades que acontecem nas comunidades, sejam elas econômicas ou culturais. O Festival é visto como um resgate histórico e cultural das comunidades envolvidas. Durante o evento são disponibilizadas amostras de materiais deixados pelos antepassados da região. Os organizadores da festa são os próprios moradores dessas comunidades, utilizando de verbas próprias para fazer acontecer o evento. A **Figura 39** - Painel de destaque das atividades exercidas das comunidades – demonstra um painel de exposição dos artefatos culturais antigos.

Figura 39. Painel de destaque das atividades exercidas das comunidades.



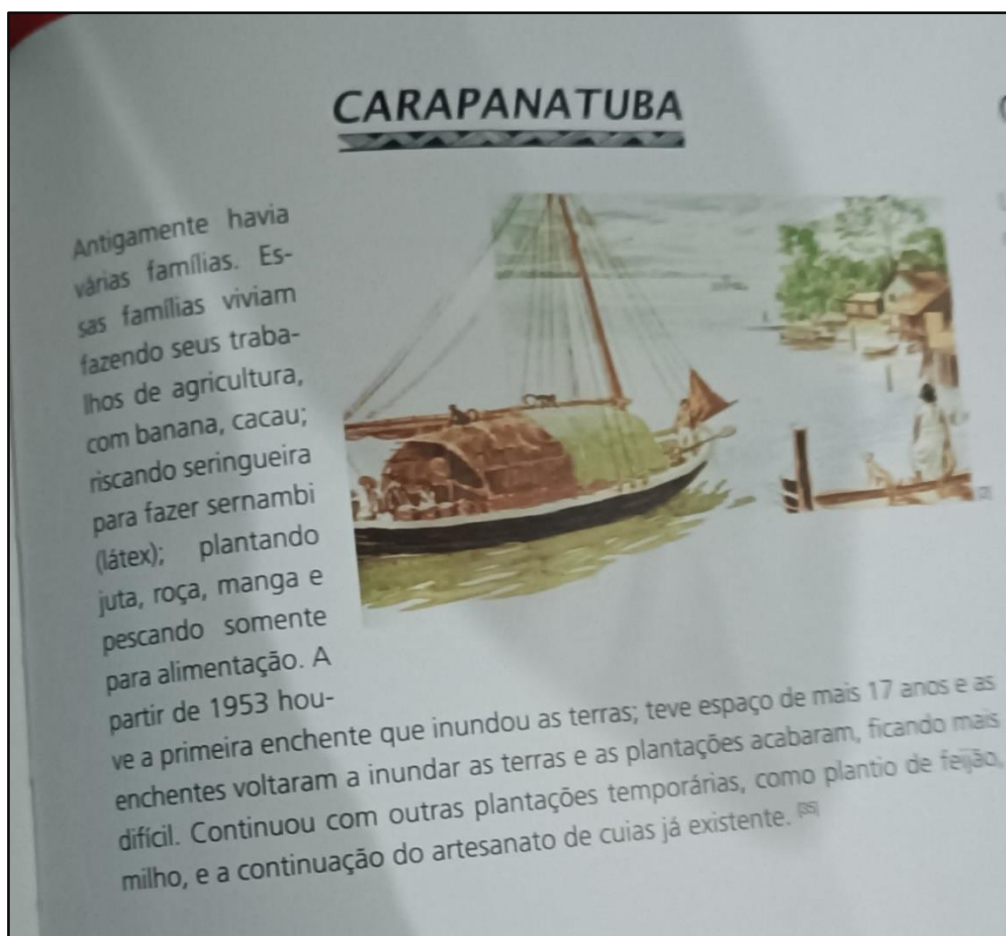
FONTE: Acervo da pesquisadora. SOUZA, A.C.2019.

Durante o evento são apresentados diversos objetos que representam as atividades praticadas pelos moradores das comunidades. Na Figura 38, podemos analisar a tarrafa exibida no centro da figura que faz referência a atividade pesqueira, e outros elementos das outras atividades como artesanato das cuias, potes de barro, as plantas medicinais,

livros e cartilhas que contam em pequenos recortes histórias de pescadores e das comunidades.

A **Figura 40** - Imagem do livro “Aritapera -, abaixo, ilustra o texto e imagem de uma comunidade de pequenos produtores na Várzea amazônica” de autoria de Antônio Maria Santos, em 1982. Destaca no texto a dinâmica de vida dos moradores em Carapanatuba antes das grandes enchentes.

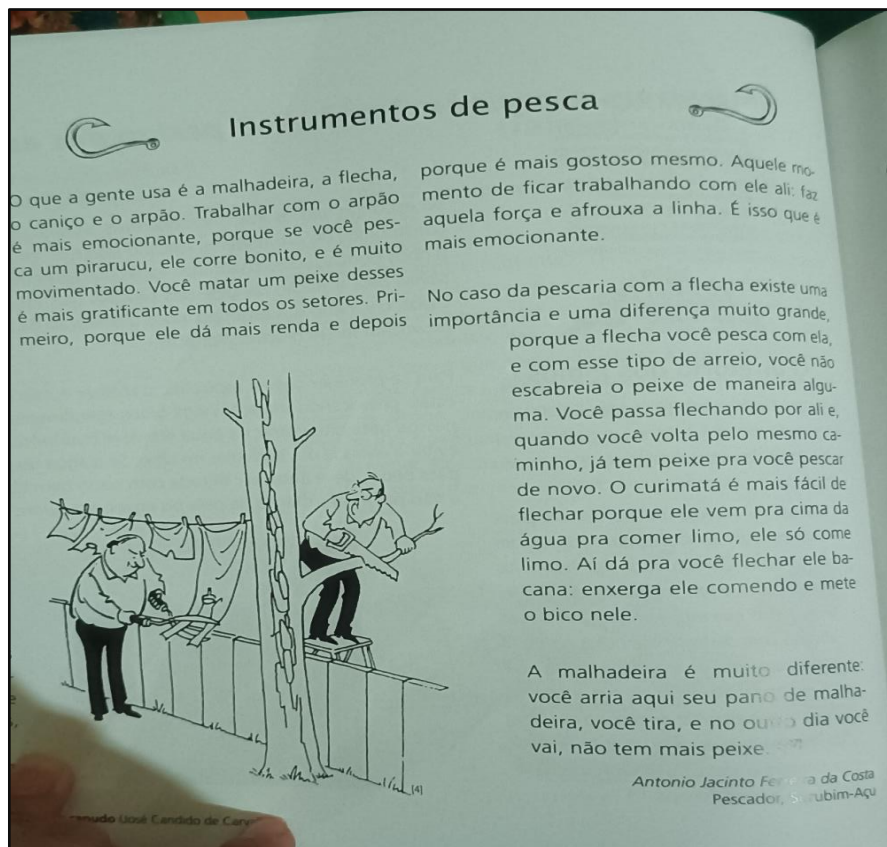
Figura 40 - Imagem do livro “Aritapera.



FONTE: Acervo da pesquisadora. Souza.A.C.2019.

A **Figura 41** - Recorte do livro “Aritapera, destaca uma comunidade de pequenos produtores na Várzea amazônica” de autoria de Antônio Maria Santos 1982.

Figura 41 - Recorte do livro "Aritapera.



FONTE: Acervo da pesquisadora. SOUZA, A.C.2019

Os produtos em exposição, apenas as cuias são comercializadas, os demais são apenas para amostra. Os visitantes podem somente tocar nas peças, tirar fotos e ler os livros sobre as histórias locais. Essas restrições devem ao fato de terem poucos exemplares no local, a exemplo do livro de Antônio Moraes Santos que é apenas disponibilizado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém. As outras peças são relíquias encontradas ou doadas por moradores. Podendo assim se fazer a preservação desses materiais para futuras exposições, a fim de contar e demonstrar traços históricos locais a novos visitantes, justificando assim a não comercialização desses produtos no festival.

Durante o evento são realizadas danças tradicionais que contam as histórias de vida dos povos indígenas, dos ribeirinhos, de pescador e as famosas lendas amazônicas, como forma de manter viva as lembranças dos moradores mais antigos dos locais e

despertar as curiosidades dos mais jovens a buscar conhecer as histórias verdadeiras e dos mitos de seus antepassados.

As danças são pequenas representações de histórias fictícias contadas pelos mais antigos, e que vão sendo passadas adiante. Na dança da imagem, a história conta a vida de um pescador e sua esposa, que assim que ele saía a noite para pescar o boto vinha se deitar com sua esposa do qual ela teria engravidado. O conjunto de Fotos representada pela **Figura 42** - Mulheres representando a história da mulher que engravidou do boto, ilustra as danças realizadas pelas mulheres das comunidades citadas.

Figura 42: Mulheres representando a história da mulher que engravidou do boto.



FONTE: Acervo da pesquisadora. SOUZA, A.C. 2019.

Sobre as histórias do boto, que é uma das histórias criadas e contadas de geração a geração, em conversa com o pescador Curimatá, diz ficar receioso. “ eu sei que é de mentira, mas a gente fica cabreiro¹², nunca me aconteceu essas coisas de ficar encantado, mas eu ando sempre com o meu terçado¹³ quando pesco, ainda mais de noite”. Curimatá, Pescador associado. Entrevista cedida dia 10/04/2022.

Além das citadas, outras atividades também são contempladas durante o festival folclórico do Aritapera e que demonstram um resgate histórico das vivências e evidenciam a importância delas para a construção das relações atuais entre os comunitários e preservam as tradições e crenças locais que estão diretamente ligadas à construção de uma identidade cultural.

¹² É uma gíria brasileira, que em alguns contextos pode ser usado como desconfiado, com medo.

¹³ Uma espécie de facão com lâmina afiada.

Nessa manifestação cultural do festival folclórico, em que são levadas outras atividades além da pesca, as relações sociais são construídas por diferentes agentes que ajudam a manter a identidade de pescador, mas ao mesmo tempo ajudam a construir novas identidades e função da interação de atividades e representações diversas de vários grupos locais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o objetivo proposto nesta pesquisa, que era analisar os espaços de vivência dos pescadores de Carapanatuba e seus saberes da pesca, podemos perceber que a atividade pesqueira influencia diretamente nas dinâmicas existentes no local. Compreendemos que essa atividade milenar contribuiu para a construção de relações individuais e coletivas do lugar, e que está intimamente ligada ao modo de vida, bem como ser/saber/fazer pescador. Foi a partir das relações entre eles e com os diferentes lugares de vida e trabalho que esses sujeitos se definiram, se organizaram e se reorganizaram enquanto um grupo social, e que são reconhecidos pelos demais grupos sociais.

A pesca para os pescadores de Carapanatuba se torna, de certa forma, uma atividade que possibilita um refúgio dos problemas cotidianos, para além das dimensões econômicas, mas de uma relação de afetividade do sujeito pescador, com a atividade da pesca. É lógico que essa atividade é fundamental para subsistência desses grupos, mas fortalece seus laços afetivos. A pesca para os pescadores é vista mais que uma profissão, é um modo de vida e de trabalho livre que tem um regime autônomo e coletivo. Além disso oferece a relação direta com natureza, com a espiritualidade mística que requer cuidado e respeito.

A organização sociocultural dos pescadores e pescadoras de Carapanatuba está ligada à dinâmica sazonal das águas (cheia, enchente, vazante e seca) e isso influencia diretamente nas relações locais e no exercício pesqueiro, pois devido à essa dinâmica sabem que tipo de apetrecho e embarcação utilizar para a execução da atividade.

O saber/fazer pesqueiro em Carapanatuba é considerado geracional, pois a aquisição do saber tradicional da pesca possui raízes nos ancestrais desses pescadores e que com o passar do tempo foram evidenciadas em pequenas práticas cotidianas e,

também, por meio da oralidade, e que foram se aprimorando no decorrer da atividade. Os seus saberes e fazeres se relacionam as formas de sobrevivência da atividade pesqueira. No entanto, apesar da pesca ser uma das principais atividades da comunidade de Carapanatuba, um dos medos dos pescadores atuais, é que os mais jovens não continuem na reprodução da atividade e não sigam o método tradicional utilizado por eles na pescaria.

A partir disso, se analisa que, para não haver essa perda, não só os pescadores, mas a comunidade em geral deve buscar manter viva as tradições locais, além da pesca, por meio de suas manifestações culturais, como é o caso da festividade de Santa Luzia e do festival Folclórico, que são eventos que fazem o chamamento para a preservação de atividades tradicionais locais.

No que tange as observações das vivências dos pescadores com seus espaços/lugares de vida, ousamos dizer que as relações identitárias são estabelecidas através da relação com o outro (de fora e dentro da comunidade) e com o lugar. É a partir dessas relações, sobretudo quando se relacionam com os de fora que as suas particularidades ficam mais evidenciadas, ou seja, é nessa ocasião que as questões identitárias se tornam singular para o sujeito pescador e para o grupo.

Podemos também dizer que essas relações estão intimamente ligadas aos seus espaços/lugares de vivências, e são a partir dessas vivências que surgem o sentimento de pertencimento dos sujeitos ao lugar.

É perceptível a relação afetiva dos pescadores com a sua casa que para eles é vista como um “porto seguro”, com as suas embarcações, com a comunidade e com o rio. Percebemos que é nas pequenas práticas cotidianas, em que são socializados os saberes sobre a dinâmica da natureza, que os pescadores e pescadoras constroem as relações simbólicas e afetivas com seus lugares de vida e trabalho.

Outro fator que deve ser dito é a realização da Festa de São Pedro na cidade de Santarém, onde está instalada a colônia de Pescadores Z-20, na qual os pescadores de Carapanatuba estão inseridos. Podemos afirmar a partir da pesquisa que a festividade se constitui numa manifestação importante na constituição, fortalecimento e reconhecimento de suas identidades. O evento tem como princípio norteador a luta e a resistência dos pescadores frente a negação de suas existências enquanto sujeitos

imprescindíveis a sociedade, e não apenas vistos como fonte de mercadoria, para o crescimento de políticos e de grandes empresários,

Observamos que as festas descritas no trabalho se apresentam como forma de fortalecer a categoria de pescadores locais, tanto na produção e comercialização de derivados do peixe durante os eventos, nas histórias contadas por pescadores mais antigos, quanto na festa onde esses pescadores são contemplados com prêmios sorteados em eventos, como é o caso da rifa do Pedrão.

Podemos salientar a partir dessa pesquisa que há muito a ser feito pelo estado brasileiro a essas categorias sociais, inclusive pelos pescadores da comunidade de Carapanatuba. A falta de investimento, políticas públicas que de algo modo possam assegurar seus direitos, além de políticas voltadas a valorização e presença efetiva das mulheres nessa atividade. Em Carapanatuba é fato a existência a presença de mulheres no trabalho pesqueiro, porém pouco valorizada no próprio lugar. Destaco o papel importante de uma das lideranças do coletivo dos pescadores de Carapanatuba. Porém, é uma situação ainda não palpável para tecer com mais clareza uma análise, o que podemos destacar é que devemos trazer mais a tona ou tornar mais efetivo as pesquisas para esse gênero na pesca na região, pois a pesca para muitos é uma atividade exclusivamente masculina.

Essa pesquisa possibilita anseios para novos estudos, pois, afinal identificamos que é preciso tratar sobre essas relações nos espaços da pesca como que a pesca se manifesta no dia a dia dessas mulheres mediante a outros afazeres que elas possuem, sejam o papel de mãe, dona de casa, esposa, comunidade e outros. Além de uma investigação acerca da questão ambiental na comunidade, que vise responder a questão das fortes secas no rio Aritapera. Este trabalho é visto como uma porta de entrada para novas investigações dentro da comunidade no âmbito da pesca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, Adnilson de. Impactos Socioculturais em Populações Indígenas de Rondônia: Estudo da Nação Jupaú. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Porto Velho: PPGG/NCT/UNIR, 2010.

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 11, n. 21, p. 6787, jan. /dez. 1999;

BAUMAN, Z. **Comunidade**: A busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien- Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOLLNOW, Otto Friedrich. O homem e o espaço. Curitiba. Editora da UFPR. 2008;

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas pública**. Disponível em www.scielo.br. Vol. 15, nº 2. São Paulo: Perspectiva, 2001 > Acesso em 01 de novembro de 2021;

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARDOSO, E. S. **Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros**. In **GEOUSP- Espaço e tempo**. São Paulo. Nº14 pp.119-125, 2003;

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis. UFSC,2001;

_____. Epistemologia da geografia. Editora UFSC. Florianópolis, 2012;

CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003;

COSTA, A. M. da. “A festa dentro da festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. *Campos: Revista de antropologia Social* 7(2). 2006.

CRUZ, Valter Carmo. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves. et al. (Orgs). *Itinerários Geográficos*. Niterói. EdUFF, 2007. p. 93-122;

DELGADO, Lucília de Almeida. *História oral-memória, tempo, identidades-2 ed*. Belo Horizonte: Autentica, 2010;

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens*. Porto Alegre: ARTMED, 2006;

DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (org.). *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo: NUPAUB/USP, 2001;

_____. *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1983.

DURKHEIM, Émile. 1996. As formas elementares da vida religiosa. (Trad. Paulo Neves) São Paulo: Martins Fontes [1912].

ESTORNILOLO, Milena. 2014. **Laboratórios na floresta**: os Baniwa, os peixes e a piscicultura no Alto Rio Negro. Brasília: Paralelo 15. 549 pp.

FURTADO, L. G. 1981. Pesca artesanal: Um delineamento de sua história no Pará. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, série Antrop., 79:50 p;

FURTADO, L. G. Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG,1993.

_____. 2002 a. Pesqueiros reais e pontos de pesca da territorialidade haliêutica ou pesqueira Amazônica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 18, n. 1, jul., p. 3-26.

_____. As origens pluriétnicas no cotidiano da pesca na Amazônia. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 159-172, maio-ago. 2006;

GAMA, Antonia do Socorro Pena da. Educação Ambiental e a Construção da Sustentabilidade na Região de Várzea de Santarém (Pa)- Brasil. Tese. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2016.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. As culturas populares no capitalismo. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIL, Antônio CARLOS. Métodos e técnicas da pesquisa Social – 6 edição. Atlas. Rio de Janeiro, 2008;

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997;

KALIKOSKI, Daniela; DIAS NETO, J.; THÉ, A. P. G.; RUFFINO, M. L.; MARRUL FILHO, S. Gestão compartilhada do uso sustentável de recursos pesqueiros: refl etir para agir. Brasília: Ibama, 2009.184p.

KOZEL, S. Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a “capital ecológica”. Tese de Doutorado. São Paulo. Programa de Pós Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001. Graduação em Geografia Física - FFLCH/USP, 2001;

LEROY, Jean-Pierre. O bote contra a geleira. Os pescadores de Santarém em busca da sua afirmação. In: Pescadores artesanais - Entre o passado e o futuro. Revista Proposta. Rio de Janeiro, v. 38, p. 37-50, set., 1988.

LIRA, Talita de Melo; Chaves, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. Interações (Campo Grande), [s.l.], v. 17, n. 1, p.66-76, 29 fev. 2016. Quadrimestral. Universidade Católica Dom Bosco. <http://dx.doi.org/10.20435/1518-70122016107>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v17n1/1518-7012-inter-17-01-0066.pdf> . Acesso em: abril de. 2022;

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1992.p 26;

- MARTINS, G, A. THEÓPHILO, C, R. Metodologia da Investigação científica para ciências aplicadas/ Gilberto de Andrade Martins, Carlos Renato Theóphilo. -2.ed.- São Paulo: Atlas, 2009;
- MEIHY, J. C. S.B. Manual de História Oral. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005;
- MEIHY, J. C. S.B; HOLANDA, F. História Oral: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007;
- RAMALHO, Cristiano Wellington N. O mundo das águas e seus laços de pertencimento. In: Raízes. Campina Grande. Vol. 23, N°s 01 e 02. Pags 62/72. Jan-dez, 2004.
- RUFFINO, Mauro Luís. A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Brasileira- Manaus. Ibama. Pro várzea, 2004;
- RUIZ, J. C. **Geografia em Escala Local**. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_joa_o_carlos_ruiz.pdf>. Acesso em: novembro de 2022.
- SANTOS, Antônio. Aritapera: Uma comunidade de pequenos produtores na várzea amazônica (Santarém – PA). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: vol. 23, nº 83 maio, 1982;
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, EDUSP, 2002, Coleção Milton Santos, 383p.
- SERPA, Ângelo. Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. 1 ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2021;
- SILVA, Geraldo, Luiz. Os pescadores na história do Brasil. Comissão pastoral dos pescadores. Recife-PE. 1988;
- SILVA, Anelino Francisco da. Significado de identidade cultural da pesca artesanal no Brasil e Portugal. Natal, RN, 2008;
- SMITH, N.J.H. A pesca no rio Amazonas. INPA. Manaus. 1979.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio- espacial. 4ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018;
- SUERTEGARAY, D.M. Notas de epistemologia da Geografia. Florianópolis, 2005;
- TORRES, M. A. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. Dissertação de Mestrado em Geografia, UFPR, 2009.
- TUAN, Yu-Fu. Espaço e lugar. A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2012; tradução de Livia de Oliveira;
- TRIVINOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. 8a. Edição, Atlas, 2008;

VAZ FILHO, Florêncio de Almeida. Dicionário Papa-Xibé do Baixo Amazonas. Santarém: Radio Rural de Santarém, 2010.

_____. A emergência étnica de povos indígenas no Baixo rio Tapajós, Amazônia. Tese, doutorado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FFCH, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2010.

VERISSÍMO, J. 1895. A Pesca na Amazônia. Livraria Clássica Alves, 137.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**: Estudo dos homens nos trópicos. São Paulo: Nacional, 1997.

APÊNDICES

Roteiro de entrevista

Entrevista n° _____ Data _____

Identificação da Comunidade:

Município _____

1. Nome completo
2. Idade.
3. profissão?
4. Associado a colônia de pescadores?
5. Há quanto tempo mora na comunidade?
6. Nunca saiu da comunidade? Já pensou em sair?
7. Há quanto tempo exerce a atividade da pesca?
8. Que ensinamentos da pesca dos seus antepassados que você exerce até os dias de hoje?
9. Que apetrechos você costuma utilizar no seu momento de pesca?
10. Tipo de embarcação você utiliza para a pesca? É própria?
11. O que a pesca significa pra você?
12. Você comercializa seus produtos ou é só para consumo?
13. como você se organiza durante as modificações da dinâmica das águas?
14. você costuma ir na cidade? Como você faz para chegar até lá?
15. Quais lugares você costuma frequentar na comunidade?
16. Você gosta de morar aqui?
17. Qual o sentimento que você carrega em morar na comunidade?
18. Quais movimentos culturais existentes que você conhece que envolve diretamente os pescadores locais?
19. Qual o significado dessas manifestações para você enquanto pescador?
20. Qual a importância do rio na sua vida?
21. Qual a sua relação com esse rio?

Observação: questões abertas, história oral

Termos de concessão de informação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu _____, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: ___/___/___

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Adisanto Pereira Caldeira, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 09/04/2022

Adisanto Pereira Caldeira

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Josias de Castro Galvão, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 09/04/2022

Josias de Castro Galvão

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Agripino Almeida Souza, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 13/04/2022

Agripino Almeida Souza

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Mário Augusto Moraes Rêgo, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 14/07/2022

Mário Augusto Moraes Rêgo

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Paulo Sérgio Caldeira de Sousa, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 30/04/2021

Paulo Sérgio Caldeira de Sousa

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Manoel Dantas Medeiros Pereira, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 14/12/2022

Manoel Dantas Medeiros Pereira

Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Darllan Pereira da Silva, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 30/12/2022

Darllan Pereira da Silva
Assinatura do Entrevistado (a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA/UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TERMO DE CONCESSÃO DE INFORMAÇÕES

Eu Ana Rita Caldeira, estou ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa intitulado: **AS VIVÊNCIAS ESPACIAIS DOS PESCADORES DA COMUNIDADE DE CARAPANATUBA-SANTARÉM/PA.**”, realizado pela discente, AGRIANE CALDEIRA SOUZA portadora do R.G:7412488, mestranda na Universidade Federal da Paraíba /UFPB, tendo como orientador o Prof. Dr. Josias de castro Galvão. Assim, autorizo a gravação das informações por mim prestadas nesta entrevista. Concordo com a divulgação dos resultados de tais informações para utilização científica em congressos, encontros, textos, artigos, entre outros. Estou também ciente que posso abandonar minha participação nesta pesquisa em qualquer momento.

Data: 16/12/2022

Ana Rita Caldeira

Assinatura do Entrevistado (a)